
Meio Mundo¹: o início da Idade do Ferro no cume da Serra d'Ossa (Redondo, Alentejo Central)

RUI MATALOTO

*A Boreas, Deus do Vento,
que certamente talhou
os montanheiros*

R E S U M O A intenção de a RDP instalar no cume da serra d'Ossa uma antena radiofónica desencadeou o processo de minimização dos impactes arqueológicos no local, conhecida que era a sua ocupação no final da Idade do Bronze e na Idade do Ferro. Os resultados da intervenção deram a conhecer uma única ocupação, num momento de arranque da Idade do Ferro, sendo os conjuntos cerâmicos fortemente marcados pela tradição do Bronze Final, aos quais se apensam novas produções a torno, de produção regional e de importação.

A B S T R A C T The intention of the RDP – Rádio Difusão Portuguesa to install an antenna at the peak of Serra d'Ossa (Ossa Mountain) lays behind an archaeology impact assessment in an area already known by remains belonging to Late Bronze and Early Iron Age. This archaeological intervention provided artefacts from one single moment of occupation, dating to the Early Iron Age. The pottery groups found here were decorated with traditional motives strongly linked to Late Bronze Age. Imported and local wheel made pottery were also recovered.

1. Intervenção de salvaguarda: projecto, objectivos e planificação do trabalho

A intervenção no Alto de São Gens foi despoletada, em meados de 2002, pela vontade demonstrada pela Rádio Difusão Portuguesa em instalar no local uma antena retransmissora. Entrado o processo na Câmara Municipal de Redondo logo se efectuaram as diligências necessárias à realização de trabalhos de minimização do impacto arqueológico decorrente da instalação da estrutura. As exigências da autarquia foram secundadas pelo Instituto Português de Arqueologia e aceites desde a primeira hora pela RDP, através do engenheiro Gerardus Van Holstein, interlocutor da empresa.

O projecto iria afectar uma ampla área da vertente nascente do Alto de São Gens, nas imediações do topo. Assim, as zonas prioritárias de salvaguarda eram constituídas pela área de implantação da torre, num total de 36 m², e pela área de implantação do edifício de apoio (área de 69,75 m²). Ambas as estruturas serão envolvidas por uma zona de protecção, perfazendo um total de 216 m², que seria importante sondar. A abertura de uma rampa de acesso ao interior da área da RDP implicava igualmente a minimização deste impacto.

Foram então programados 20 dias de trabalho, assegurados por uma equipa de sete pessoas, o arqueólogo do GTL de Redondo, a técnica de Arqueologia Conceição Roque e cinco trabalhadores indiferenciados. Os trabalhos tiveram início a 10 de Novembro de 2003.

A intervenção estruturou-se, então, em três zonas: Área A – embasamento da torre; Área B – área de implantação da estrutura de apoio; Área C – rampa de acesso ao interior do espaço (v. Fig. 1). As duas primeiras áreas apresentavam uma pendente algo acentuada, enquanto a Área C se implantou sobre uma clara linha de talude, que acompanha a estrada que envolve o topo. Foram integradas num sistema de quadrícula onde o canto Sudoeste da área afecta à RDP correspondia ao valor 100 m em ambos os eixos. O ponto de referência altimétrica, com o valor relativo também de 100 m, foi atribuído à base da antena de comunicações da Portucel, adjacente à área em escavação; foi posteriormente coordenado, apresentando o valor altimétrico de Z= 650,43 m.

As diversas áreas marcadas foram progressivamente alargadas consoante os resultados obtidos e dependendo dos futuros impactes.

Deve-se reforçar a total disponibilidade da RDP desde o primeiro momento, permitindo o desenvolvimento totalmente regular do processo de salvaguarda dos impactes arqueológicos da instalação da torre de comunicações, ao invés do que aconteceu com a verdadeira “floresta” de antenas implantadas de modo totalmente irregular, e infelizmente impune, pelo menos desde os inícios da década de 90 onde, apesar dos protestos junto do IPPAR, nada de arqueológico foi acautelado.

2. Serra e paisagem: caracterização geográfica

A permanência de 20 dias de trabalho no cimo de São Gens tornou clara a diversidade de provações a que estariam submetidos os habitantes do local. Ficou também bastante clara a diferença entre viver na planície e no alto da montanha.

O Alto de São Gens é o cume da Serra d'Ossa (Redondo/Estremoz, Alentejo Central), contando com 653 m de altitude, quatrocentos metros acima da planície que a bordeja (v. Figs. 2 e 3). O povoado instala-se num cerro rochoso que se destaca das várias cumeadas que a partir dele se distendem. Ao chegarmos ao topo da linha de cumeada da Cerca ou do Convento deparamo-nos com o cerro de São Gens, elevando-se acima delas de modo veemente, reforçando a defensibilidade natural conferida pela sua altitude em relação à planície (v. Figs. 4 e 5).

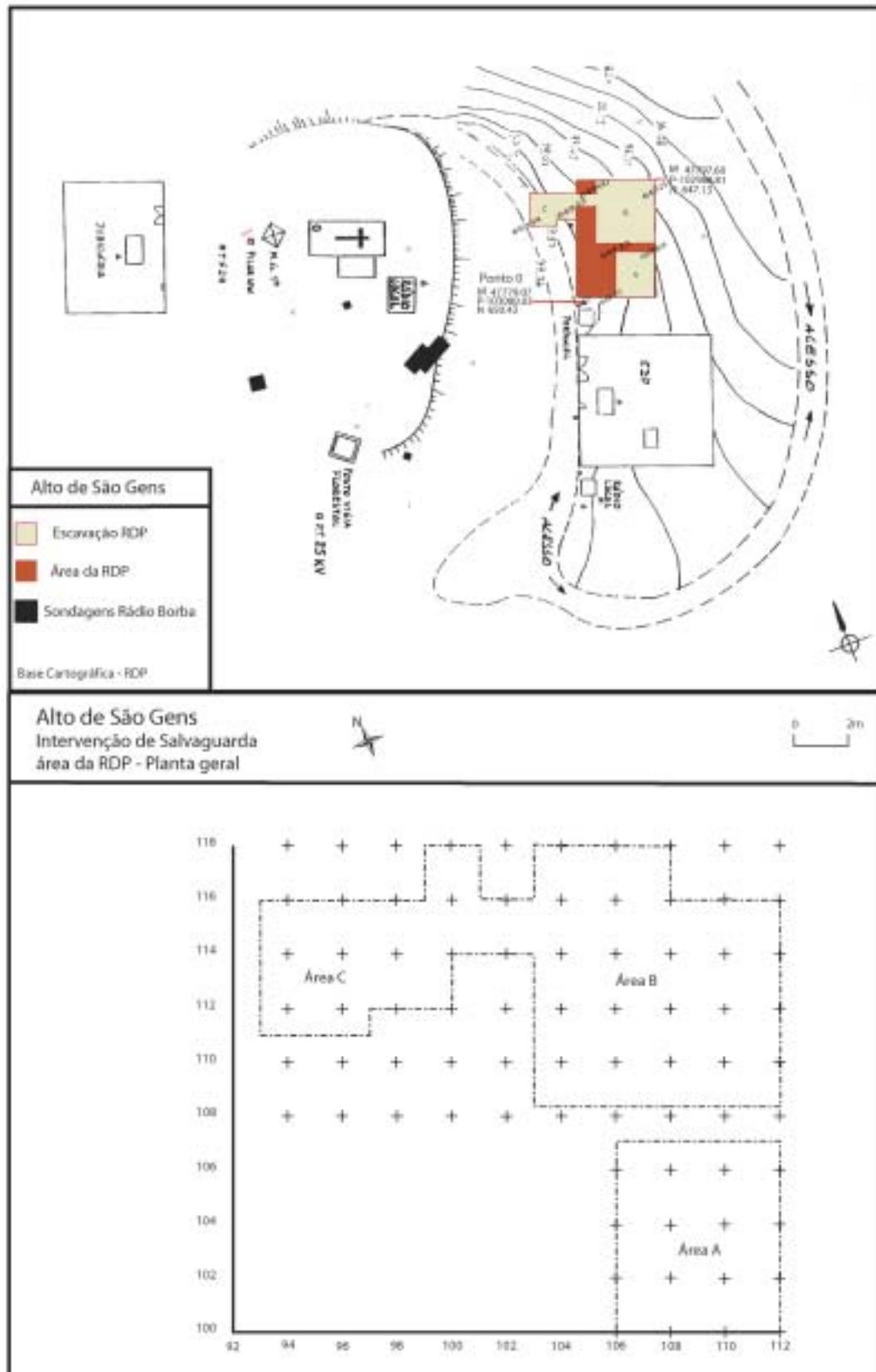


Fig. 1 Implantação da área da RDP e planta geral da área escavada.



Fig. 2 Localização do Alto de São Gens no Sudoeste peninsular.

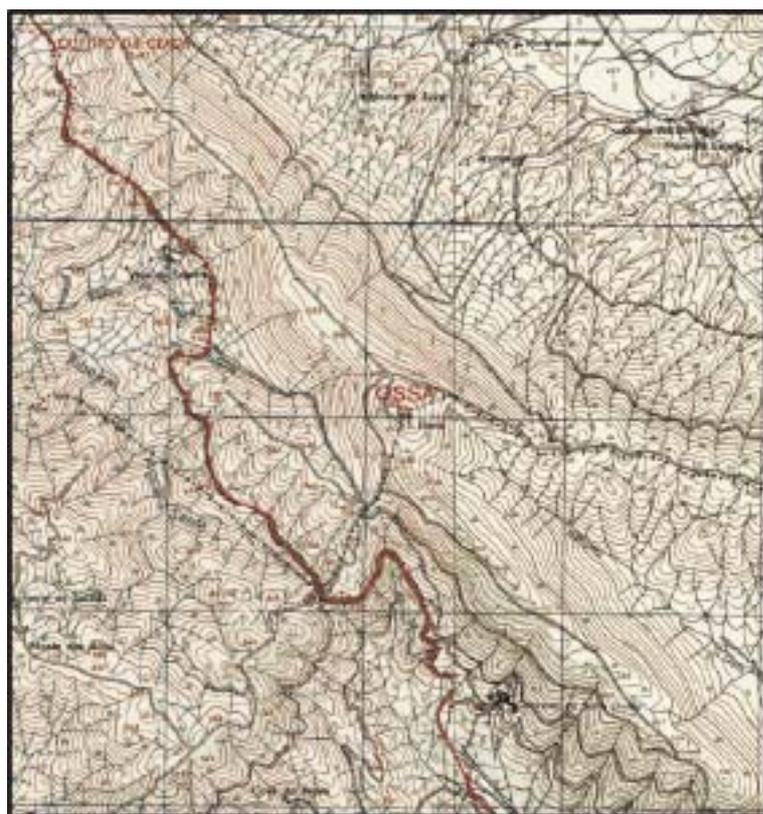


Fig. 3 Localização do Alto de São Gens na CMP 439 1:25 000.

As profundas transformações topográficas decorrentes do plantio de eucaliptos, agudizadas pela melhoria das acessibilidades ao topo, dificultam uma leitura mais concreta da topografia antiga. Actualmente apresenta à distância a imagem de um cerro de vertentes vigorosas e topo aplanado (v. Figs. 4 e 5); todavia, a sua configuração topográfica seria fortemente marcada por descontinuidades, vincada por afloramentos rochosos de grande dimensão e acentuados declives. Estes factores acabariam por favorecer uma ocupação dispersa no topo, talvez ainda hoje perceptível pela irregular distribuição dos materiais arqueológicos à superfície. Assim, a área habitável não seria muito ampla, entrecortada por abruptos penedos ou acentuados declives, ainda que os vestígios se dispersem numa área superior a 5 hectares (v. Fig. 6).



Fig. 4 Vista geral do lado Sul da serra d'Ossa, com indicação do Alto de São Gens.



Fig. 5 Vista geral de Nascente do Alto de São Gens.

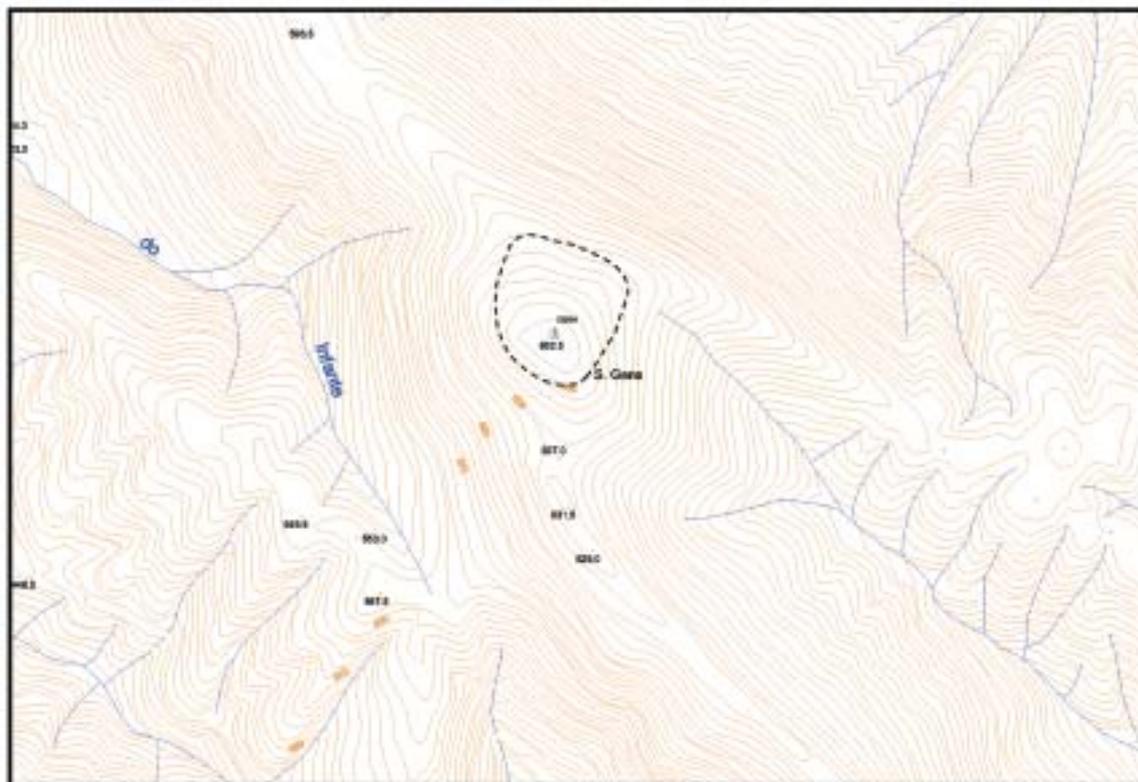


Fig. 6 Área aproximada de distribuição dos vestígios arqueológicos no Alto de São Gens, sobre base cartográfica 1:10 000.

No topo, o vento, a chuva e o frio seriam fortes condicionantes a ter em linha de conta aquando da ocupação; no entanto, uma visibilidade absolutamente circular, e vasta, dá a sensação de se estar no centro do Mundo.

Em dias de maior clareza, a paisagem abre-se numa planura imensa, apenas entrecortada por uma breve ondulação dos cerros que a preenchem; os limites são traçados a Norte pela serra de São Mamede, podendo nos dias limpos de Inverno vislumbrar-se no horizonte as neves da Serra da Estrela, como tivemos oportunidade de verificar; a Poente, fica-se pelas estribeações da Serra Morena, a Sul pelo Mendro e serra de Portel, alargando-se para Ocidente, onde o horizonte nos surge fortemente marcado pela serra de Monfurado.



Fig. 7 Vista geral da serra d'Ossa pelo lado Nascente, com indicação do Alto de São Gens.

A disponibilidade de água seria um problema a superar, sem representar, contudo, grande dificuldade atendendo à famigerada riqueza deste recurso nas encostas da serra, conhecendo-se algumas fontes na encosta do lado Norte.

Apesar do vigor do relevo, a acessibilidade ao topo encontra-se facilitada ao situar-se entre duas importantes portelas da serra d'Ossa: no lado poente a estrada Nacional 381 (Redondo-Estremoz) traça-lhe o caminho e a nascente situa-se o vale do Meio Mundo.

A condição geográfica de ponto mais elevado da serra, ainda que a curta distância de outra elevação (Castelo, 640 m), confere-lhe grande destaque, não só para quem está na serra mas também para quem de Sul ou Norte o observa. De Este, a primazia parece associar-se à elevação do Castelo, surgindo o São Gens em segundo plano. Curiosamente, ou talvez não, quando visto de Poente, parece diluir-se nas outras elevações, surgindo bem mais discreto (v. Figs. 7 e 8).



Fig. 8 Vista geral da serra d'Ossa pelo lado Poente, com indicação do Alto de São Gens e o povoado de Evoramonte em primeiro plano.

3. História do conhecimento da ocupação humana no Alto de São Gens

O conhecimento da ocupação humana na serra d'Ossa em geral, e no São Gens em particular, vem desde longa data, tendo sido analisada em estudo recente (Calado e Mataloto, 2001, p. 11 e ss.). A presença de uma importante comunidade monástica, sediada nas encostas viradas a Sul, resulta importante para uma melhor análise das presenças antigas. Segundo referência de Frei Henrique de Santo António (1745), em obra de claro teor apologético, já numa carta redigida nos finais do século XVI se fazia referência à presença de vestígios de ocupação humana na serra, que logo se associaram às deambulações de Viriato e Sertório relatadas nas fontes clássicas (Frei Henrique de Santo António, 1745, p. 75 e 82) (v. Fig. 9). O Alto de São Gens foi então associado ao célebre Monte Vénus, reduto de Viriato, de onde saiu a dar combate aos romanos. Curiosa é a menção de diversas antas das redondezas, lidas como altares sacrificiais. Na sequência das citações relativas ao Alto de São Gens são igualmente referidos vestígios no cimo do Castelo Velho, onde hoje se conhece uma ocupação do final da Idade do Bronze e da Idade do Ferro, aparentemente fortificada; são ainda referidos vestígios no extremo da cerca do convento de Vale de Infante, onde recentemente se detectou uma ocupação do Bronze Final.

O povoado de São Gens voltará a ser mencionado, muito brevemente, por Gabriel Pereira no seu estudo sobre o cerro de São Miguel da Mota (Pereira, 1889, p. 149). Em 1948, o General João de Almeida na sua obra de compilação sobre a edificação militar portuguesa (Almeida, 1948, p. 255) faz uma breve descrição do local e apresenta uma curiosa planta onde assinala o possível traçado de uma estrutura amuralhada (v. Fig. 10).

Em 1974 Irisalva Moita, num trabalho de cariz etnográfico, refere uma vez mais o “castro” de São Gens.

Apesar das diversas referências que foi conhecendo, apenas no início da década de 90 se efectuou, pela mão de Manuel Calado, uma caracterização sumária da ocupação humana do Alto de São Gens; este surge então integrado numa vasta rede de povoamento do final da Idade do Bronze reconhecida na região da serra d'Ossa (Calado, 1993, p. 351). Este autor, agora com Leonor Rocha, voltará a referir o local em duas sínteses sobre o Bronze Final e a Idade do Ferro, publicando-se na ocasião o primeiro conjunto de materiais (Calado e Rocha, 1996-1997, p. 37 e 42, 1997, p. 103). Em 1999, o autor destas linhas faz igualmente uma breve menção ao São Gens, lançando a hipótese, agora revogada, de ter sido eventualmente reocupado aquando dos conflitos militares decorrentes do processo da conquista romana (Mataloto, 1999).

Em 2001 publica-se a Carta Arqueológica de Redondo (Calado e Mataloto, 2001) onde assume claro destaque no âmbito da ocupação proto-histórica do concelho.

Fig. 10 Planta do Alto de São Gens apresentada pelo General João de Almeida (1948).

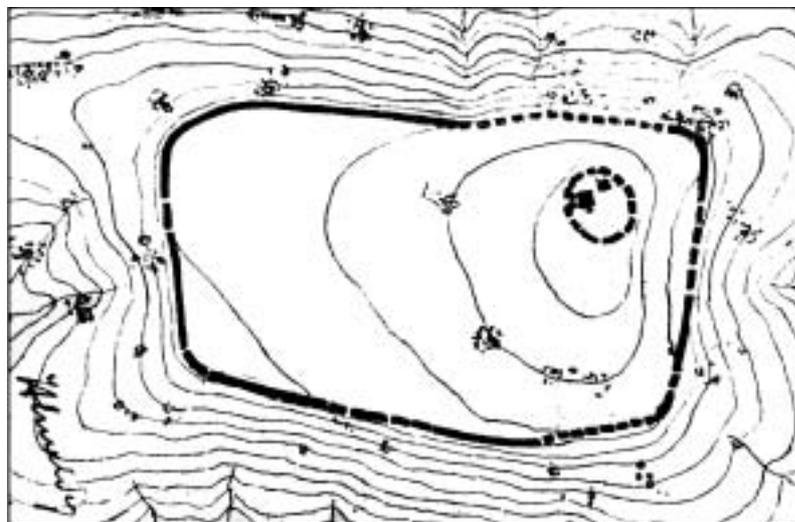


Fig. 9 Gravura do século XVIII onde o Alto de São Gens surge em claro destaque ao centro, sobre o conjunto monástico (Frei Henrique de Santo António, 1745).

4. Aspectos metodológicos e estratigráficos

Em termos metodológicos seguiu-se uma estratégia de “open area”, segundo os preceitos estipulados por P. Barker e E. Harris, com a identificação em planta e fotografia de cada unidade estratigráfica, as quais foram removidas na ordem inversa da sua deposição.

As unidades foram sendo numeradas de modo sequencial, independentemente da área em que surgiram. Procedeu-se deste modo pelo simples facto de não assumirmos a condição de sectores distintos para as diversas áreas.

A estratigrafia é simples, ainda que nem sempre fosse fácil visualizar as diversas unidades definidas; as terras apresentam uma matriz cascalhenta e porosa, muito orgânica, evidenciando a debilidade da sua valência estratigráfica, tal como a magreza da estratigrafia (25 a 30 cm). Apenas a Área C, no extremo Oeste, apresentava uma maior potência, que se pode associar à remobilização de terras para a abertura do caminho que envolve o topo.



Fig. 11 Vista geral da Área B-C no final dos trabalhos, ficando patente a escassez de potência estratigráfica.

As Unidades Estratigráficas são as seguintes:

[0] – Estrato de terra castanha ligeiramente avermelhada, solta, com bastante cascalho de xisto e raízes; a cerâmica proto-histórica é abundante, sendo frequente a presença de telha, que se pode associar à ocupação moderna relacionada com a capela de São Gens.

[1] – Estrato de terra castanha escura, solta, ligeiramente argilosa, com abundante cascalho de xisto, que sobrepõe, em grande parte da Área A, o afloramento rochoso.

[2] – Estrato de terra castanha escura com textura algo argilosa, semicompacta, apresentando frequente cascalho de xisto; infrapõe-se a [1], anichada num rebaixo natural do afloramento.

[3] – Estrato de terra castanha muito escura, quase negra, algo argilosa, semicompacta, com frequente cascalho de xisto e lajes de xisto de pequeno e médio calibre. Embala parcialmente [5], sobrepondo igualmente o afloramento

[4] – Estrato de terra castanha escura, algo argilosa, semicompacta, com frequente cascalho de xisto e pequenas lajes do mesmo material; embala um conjunto abundante de materiais cerâmicos.

[5] – Conjunto de cerâmicas fracturadas em conexão (um vaso mamilado e um pequeno “copo”), dispersas sobre o afloramento e sobrepostas por [3].

[6] – Pequeno murete, de aparente configuração rectilínea, construído em lajes de xisto, de pequeno e médio calibre, dispostas na horizontal e uma em cutelo; apresenta apenas duas fiadas conservadas, estando de certo modo encaixado entre duas linhas de afloramento.

[7] – Conjunto de cerâmicas acumuladas numa pequena depressão do afloramento; é maioritariamente constituído por fragmentos de recipientes importados elaborados a torno.

[8] – Estrato de terra castanha escura avermelhada, algo argilosa e semicompacta, com bastante cascalho de xisto e pequenas lajes de xisto.

[9] – Conjunto de lajes de xisto de calibre diverso, incluindo grande, aparentemente estruturado, com uma terra castanha escura como ligação.

[10] – Buraco de poste, estruturado com quatro pequenas lajes de xisto.

[11] – Placa de barro cozido, de cor castanha escura, muito fracturada, devendo corresponder ao solo de uma lareira.

[12] – Estrato de terra castanha muito escura, cascalhenta, com uma matriz argilosa e abundantes lajes de xisto de pequeno calibre.

[13] – Estrato de terra castanha escura muito acinzentada, com abundante cascalho de xisto e uma matriz argilosa, que embalava frequentes lajes de xisto de pequeno e médio calibre e muito frequente material cerâmico.

[14] – Estrato constituído por um conjunto de pedras de xisto de calibre diverso, incluindo grande, dispersas na horizontal de modo aparentemente não estruturado, que se encontravam, tal como [13] e [15], a preencher uma depressão.

[15] – Estrato de terra castanha escura muito acinzentada, cascalhenta, com uma matriz bastante argilosa; apresentava-se muito semelhante a [13], embalando frequentes fragmentos cerâmicos que colavam com outros desta última unidade.

[16] – Estrato composto por pequenas lajes de xisto que pareciam forrar a base da depressão [17].

[17] – Depressão aparentemente escavada no substrato rochoso, com planta irregular de tendência ovalada; apresenta um perfil em rampa, que termina abruptamente numa bancada de afloramento rochoso, que foi parcialmente desmontado.

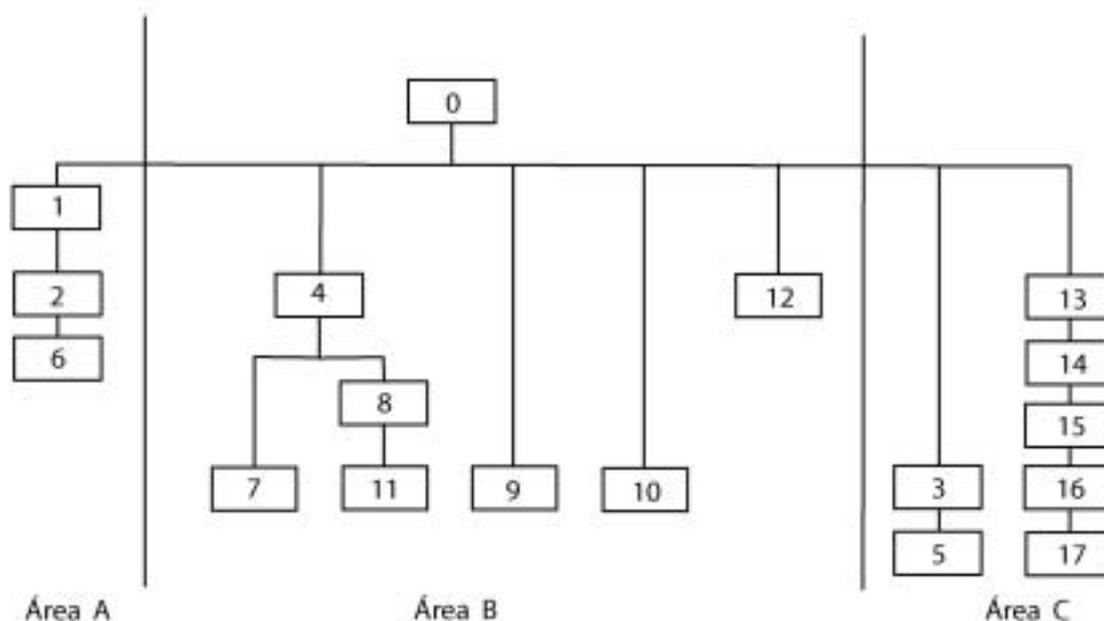


Fig. 12 Matriz da intervenção.

A magra estratigrafia merece, contudo, alguns breves comentários.

Em primeiro lugar, julgo pertinente assinalar que na esmagadora maioria da área a unidade [0] assentava directamente sobre o afloramento, muito irregular e bastante fragmentado.

Os restos de estratigrafia preservada resultaram essencialmente da irregularidade do afloramento, tendo este facto permitido a conservação do muro [6] e das unidades [2], [4], [7] e [12]. No que diz respeito às unidades [13], [14], [15] e [16], a sua conservação ficou a dever-se ao facto de preencherem a depressão [17], de provável origem antrópica. Ao que me foi dado a observar, estas unidades parecem representar uma única acção de enchimento da depressão, com um sedimento de terra negra, de aspecto humoso, [13] e [15], subdividido pelo despejo de um conjunto de pedras de calibre diverso [14]. A unidade [16] parece ser o restante de um revestimento do fundo com pequenas lajes de xisto.

Apenas a unidade [3] parece conservar-se de modo extenso, sem estar condicionada pelas vicissitudes das irregularidades do afloramento. O elevado grau de conservação acaba por ser confirmado pela presença de formas fracturadas em conexão, registadas como unidade [5].

Assim, apesar da magreza do solo, pode-se afirmar que se registaram diversos contextos de inegável fiabilidade estratigráfica.

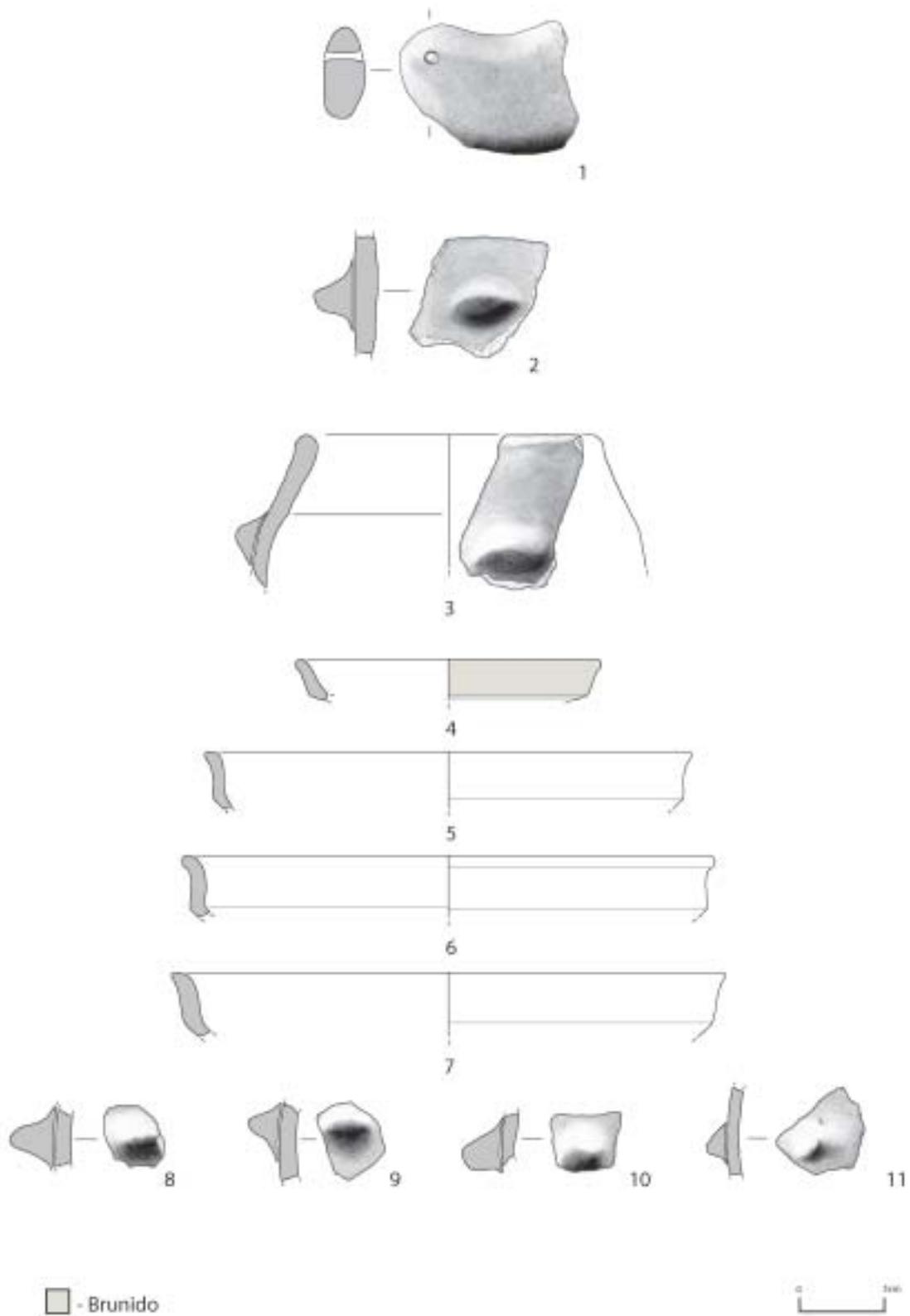


Fig. 13 Materiais da Unidade [0] e de recolhas de superfície.

5. Uma realidade em transformação: vestígios materiais do início da Idade do Ferro no Alto de São Gens

A intervenção permitiu apurar que o Alto de São Gens conheceu, na área escavada, apenas um momento de ocupação, além dos poucos vestígios passíveis de serem associados à utilização da capela de S. Gens. A avaliação do espólio recolhido nas diversas unidades em posição primária, principalmente [3-5], [4]-[7], [13] e [15], permite verificar que a instalação humana se processou num momento relativamente preciso, algures entre o século VII a.C. e os inícios do seguinte, tendo sido possível constatar que se encontra num momento de profunda transformação das condições materiais, com a introdução da roda de oleiro, associada à presença não só de novos gostos como de novos produtos, oriundos do litoral e dos contactos com as comunidades coloniais.

O conjunto de materiais recolhido à superfície e na unidade [0] era dominado pela presença de formas de tradição do Bronze Final, ainda que surgissem claros indícios de uma ocupação da Idade do Ferro, assinalada por cerâmicas a torno com bordo extrovertido e asas de rolo. Será ainda de realçar neste conjunto vários objectos técnicos, sem expressividade nos materiais recolhidos em estratigrafia, tal é o caso de diversos dormentes de mó, um peso de tear “lúnula” (v. Fig. 13, 1) e vários fragmentos de escória.

Em profundidade acabou por ser possível verificar que se tratava de uma única ocupação, já do início da Idade do Ferro, conduzindo a especificidade de determinados contextos a uma valorização parcelar, prévia a qualquer leitura de conjunto.

O espólio identificado na UE [3], que envolvia [5], caracteriza, de certo modo, o grosso do conjunto cerâmico recolhido no local. Assim, pode-se afirmar que a cerâmica era essencialmente de produção manual, ainda que estejam presentes cerâmicas a torno de aparente produção “regional”, a par de outras claramente de importação. Ao nível morfológico apenas foi possível identificar as formas características do final da Idade do Bronze no Sul do país, principalmente pequenas taças carenadas para consumo e preparação/confecção de alimentos, vasos e potes de média dimensão para armazenagem/confecção de alimentos, sendo os grandes recipientes de armazenagem escassos (v. Fig. 16). As características pegas, de morfologia e dimensões diversas, são igualmente frequentes.

Em termos técnicos, as cerâmicas apresentam uma grande variabilidade entregando produções com pastas de grande qualidade e super-

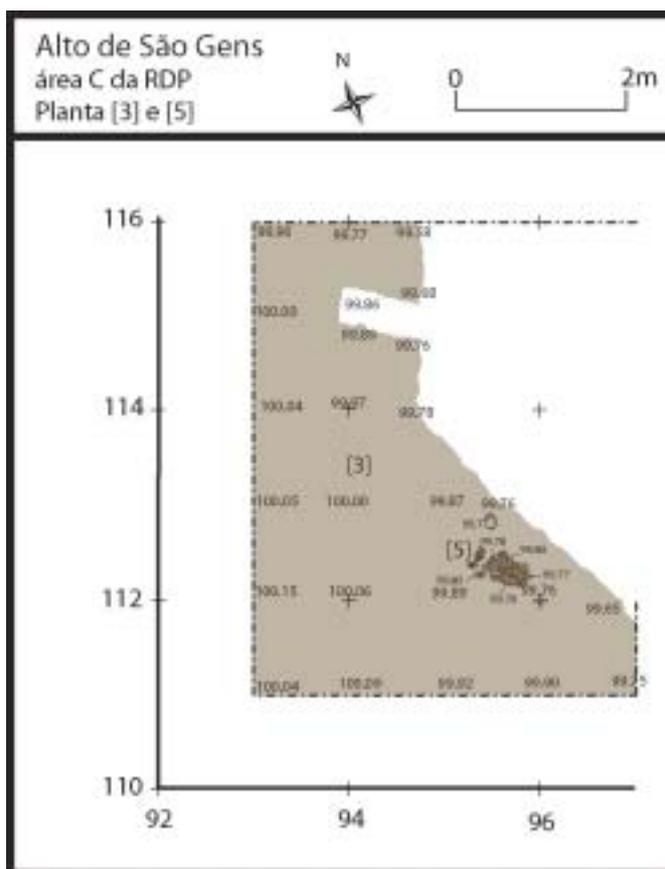


Fig. 14 Planta das Unidades [3] e [5].

fícies bem acabadas, a par de outras grosseiras, usualmente associadas a formas maiores.

Não foi registada a presença de qualquer tipo de decoração, apenas algumas superfícies brunidas, que poderão corresponder a um tipo de impermeabilização mais que a um motivo decorativo.

A UE [5] corresponde a um conjunto de três ou quatro peças fracturadas em conexão que assentavam parcialmente no afloramento ou estavam embaçadas em [3] (v. Figs. 14 e 15). Duas destas peças apresentavam um aspecto bastante arcaizante e pouco cuidado, nomeadamente o vaso, com dois pequenos apêndices mamilares, e o “copo” de manufactura bastante irregular; junto a estas encontrava-se boa parte de duas taças carenadas com pastas e acabamentos de grande qualidade, demonstrando a diversidade de produções registadas (v. Fig.17).

As unidades [4] e [7] entregaram um conjunto de materiais de características genericamente semelhantes, ainda que esta última unidade resulte, aparentemente, do preenchimento de uma depressão na rocha com grande parte de um único recipiente, certamente uma ânfora de importação. As produções manuais entregam formas similares às anteriores, nomeadamente formas carenadas, vasos com pegas ou pequenos potes de superfícies polidas; estas surgem a par de produções a torno, como potes de bordo extrovertido ou grandes formas asadas (ânforas?), claramente de importação.

Na unidade [4] surgiram alguns registos merecedores de um comentário particular.

A peça SG[4]12 (Fig. 18) é uma pequena taça carenada, com uma decoração incisa em espinha pelo exterior, sob o bordo e acima da carena. A sua reduzida dimensão impede um melhor conhecimento do motivo que, não obstante, autoriza alguns considerandos. Este tipo de decoração incisa não sendo desconhecida nos conjuntos cerâmicos do Bronze Final é, pelo menos, infrequente, como foi possível verificar na Beira Baixa (Vilaça, 1995, p. 279). Mais a Sul, apesar da escassez de sítios do Bronze Final escavados, é possível identificar um motivo semelhante no sítio da Cerradinha (Silva e Soares, 1978, est. XII), que poderá, com a decoração a “punto y raya” também registada, remeter para as realidades meseténhas do mundo Cogotas I. Na Extremadura os paralelos surgem estratigrafados em Alange, onde são igualmente integrados no âmbito das influências de Cogotas I, correspondente a um momento tardio do II milénio a.C. (Pavón Soldevila, 1999, p. 61). Assim, este parece ser um motivo de algum modo arcaizante, particularmente se atendermos à presença no São Gens de materiais já claramente posteriores aos primeiros contactos com as novas realidades introduzidas pelo Mundo colonial fenício.

O segundo registo merecedor de comentário tem o número de inventário SG[4]14 (v. Fig. 18) e corresponde ao ombro de ânfora de clara origem forânea. Apesar da ausência de bordo é com alguma segurança que se pode afirmar estarmos perante um recipiente do tipo R-1 de Vuillemot, provavelmente do tipo 10.1.2.1 de J. Ramon (1995), tendo em conta o de ombro, e a justaposição da asa neste. A pasta remete com clareza para os meios litorais, ao apresentar-se de cor amarela esverdeada clara, com abundantes elementos não plásticos arenosos, principalmente quartzo.

A peça SG[4]6 corresponde a um pequeno fragmento de bojo de um recipiente manual coberto por um engobe vermelho em ambas as superfícies; a sua presença não seria significativa se não



Fig. 15 Vista geral da unidade [5], com vários recipientes fracturados em conexão.

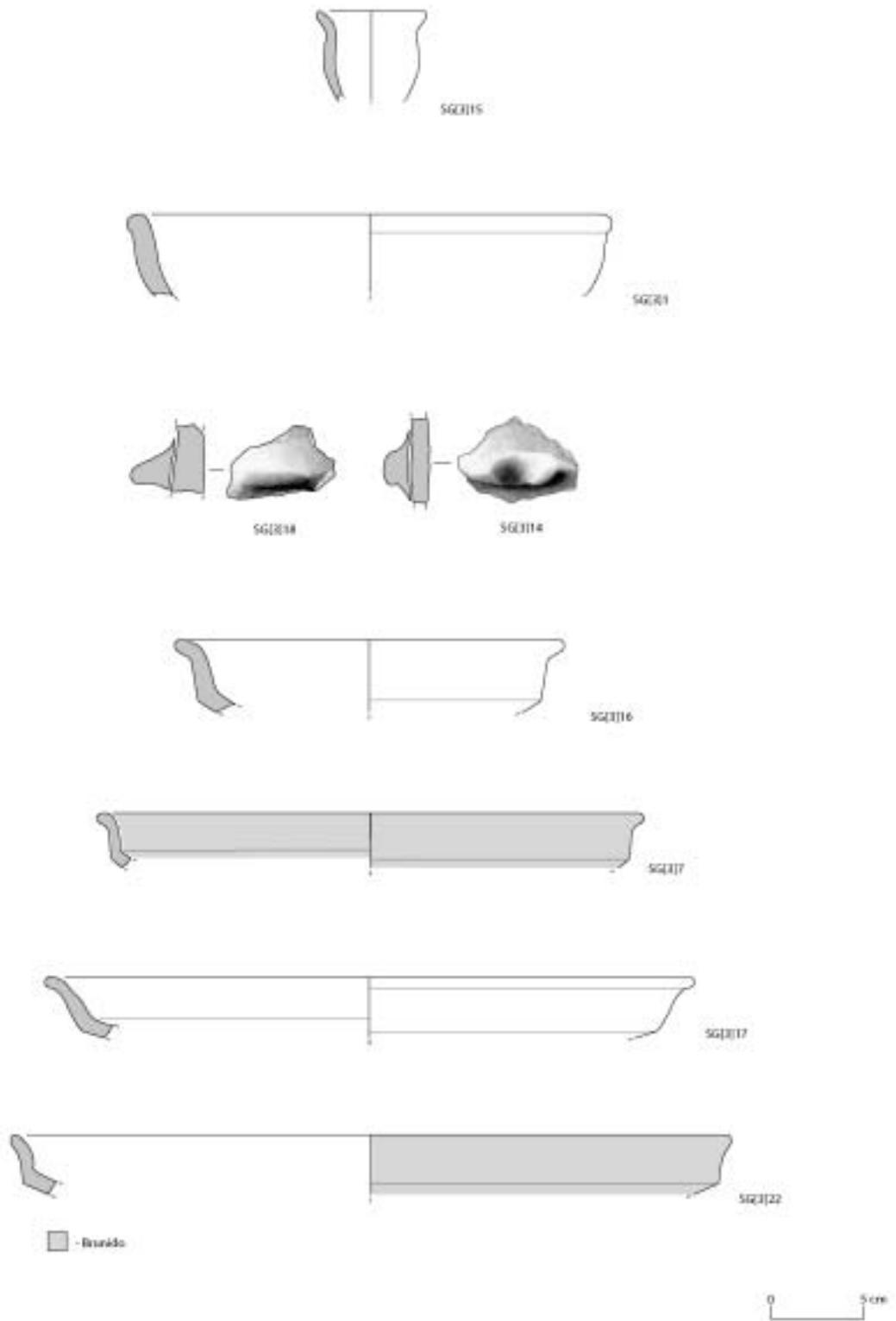


Fig. 16 Materiais da Unidade [3].

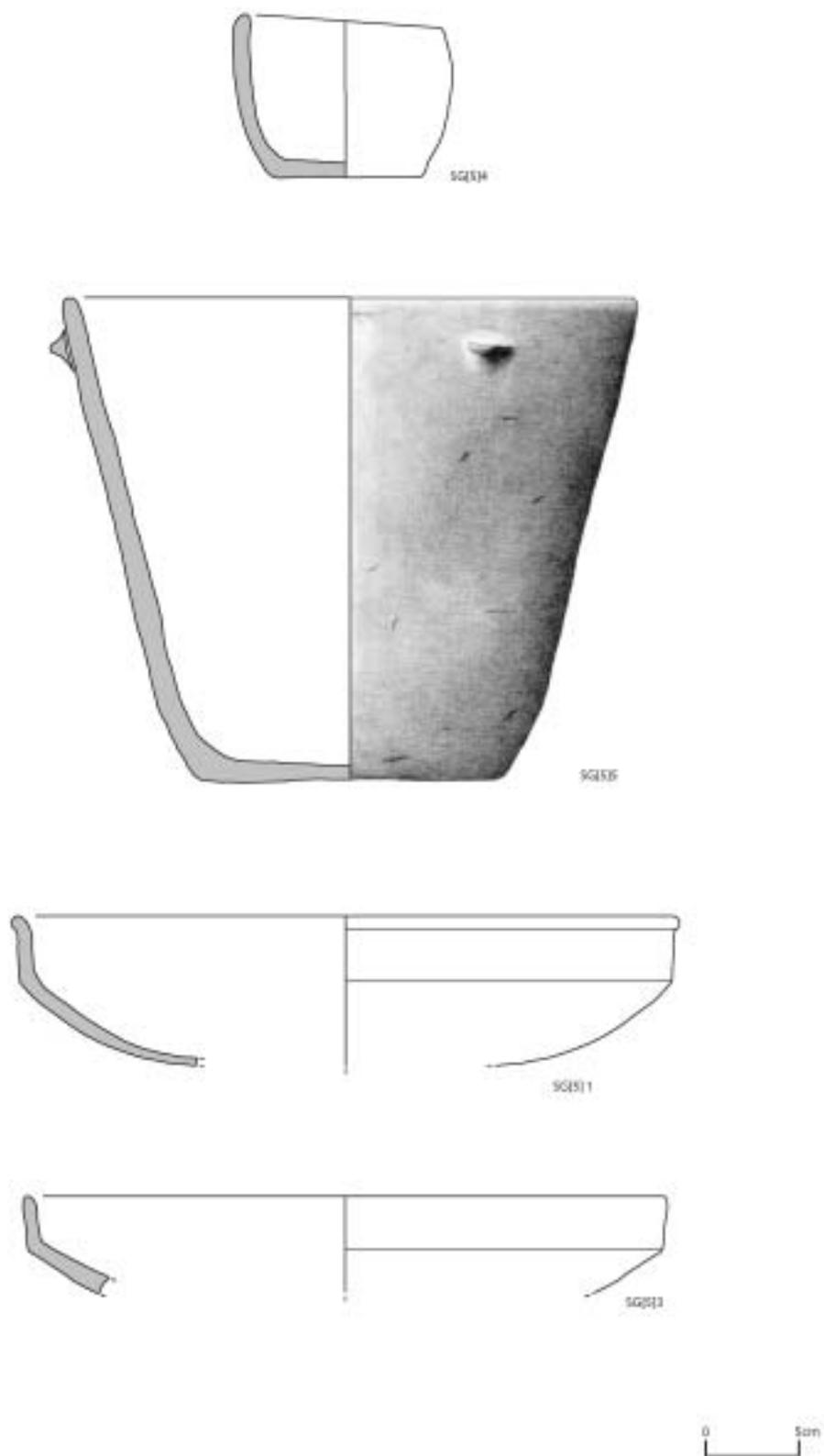


Fig. 17 Materiais da Unidade [5].

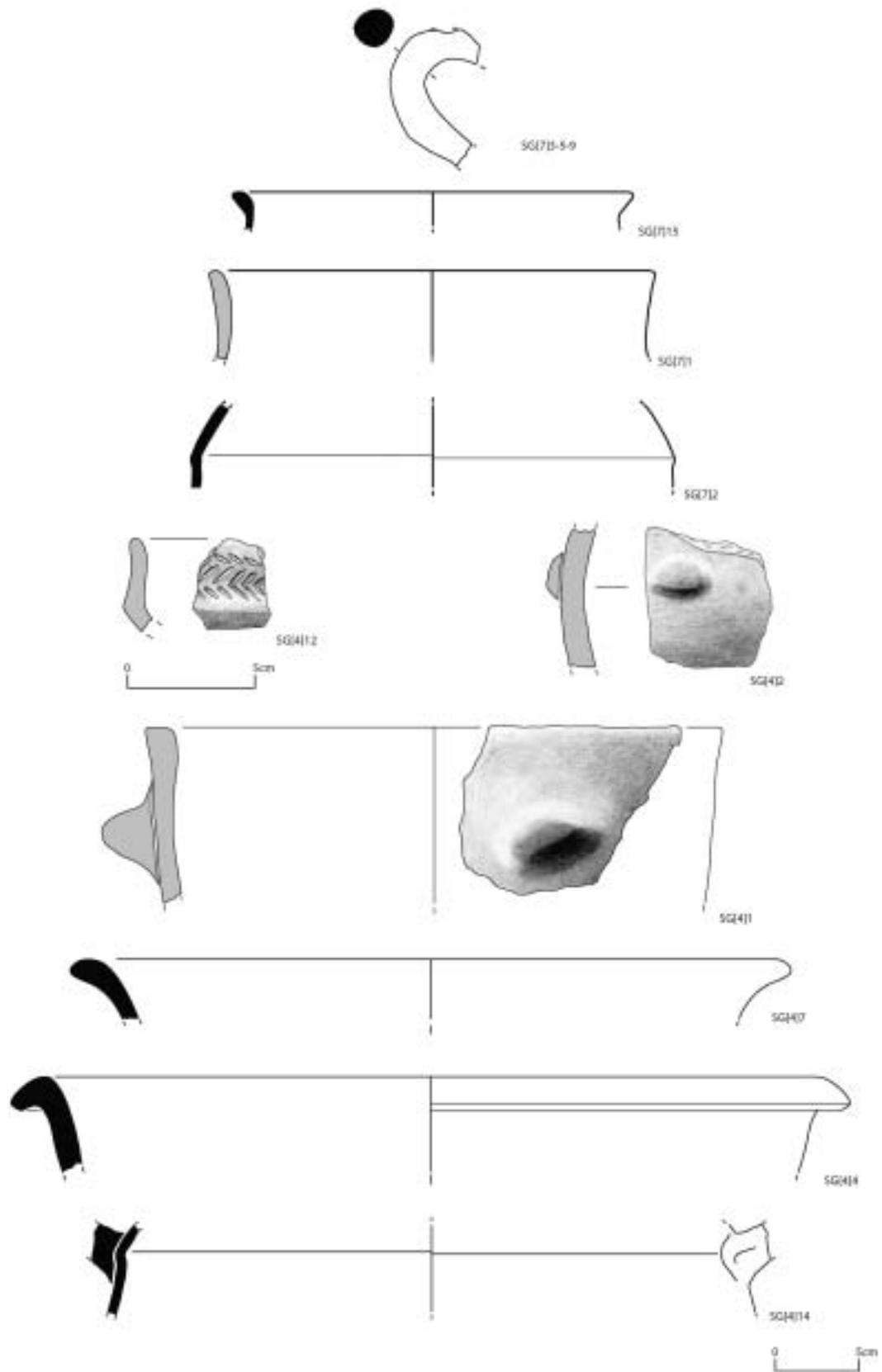


Fig. 18 Materiais das Unidades [4] e [7].

pudesse indiciar o conhecimento das produções de engobe vermelho características do litoral. A presença de cerâmicas de produção regional, manual ou não, revestida com engobe vermelho tem vindo a ser registada nas pequenas instalações rurais alentejanas, aparentemente em cronologias mais recentes dos séculos VI e V a.C. (Mataloto, 2003).

As unidades que preenchem a depressão [17], aparentemente resultante do desmonte do afloramento, traduzem novas problemáticas, entregando um conjunto de materiais de características algo distintas das anteriores. Vamos desde já assumir que [13], [14] e [15] são apenas uma mesma entidade estratigráfica, de valor idêntico (v. Fig. 19).

O conjunto de materiais divide-se em duas realidades distintas: uma caracterizada pela presença de grandes formas a torno, das quais se recolheu um número significativo de fragmentos que permitem colagem; a outra compõe-se de um número reduzido de pequenos fragmentos de produções manuais, nomeadamente formas carenadas com os típicos acabamentos brunidos, além de algumas cerâmicas a torno. Esta última realidade surge principalmente na unidade [13].

Creio que esta subdivisão poderá indiciar um processo tafonómico onde a integração das presenças cerâmicas seja efectuada de modo distinto; isto é, o primeiro dos conjuntos mencionados, sendo composto por fragmentos de grande dimensão, que dão colagem entre si, seria integrado no sedimento sob a forma de “lixo doméstico”, encontrando-se numa posição “primária”. O segundo conjunto, composto por pequenos fragmentos, integraria o sedimento de modo secundário, e digamos involuntário, resultando da eventual remobilização de vestígios cerâmicos existentes na envolvente da unidade [17], cuja abertura deve ter interferido com estratos anteriores.

Após esta avaliação tafonómica, passemos à análise específica dos conjuntos cerâmicos.

A distinção entre os materiais da unidade [13] e [15] é apenas teórica, já que na prática se confundem, dispersando-se os fragmentos dos diversos recipientes por ambas, pelo que serão lidas em conjunto.

Merecedor de destaque é, pela sua raridade no interior, a presença de recipientes claramente exógenos, nomeadamente anfóricos. Se em outras unidades estratigráficas as suspeitas recaíam

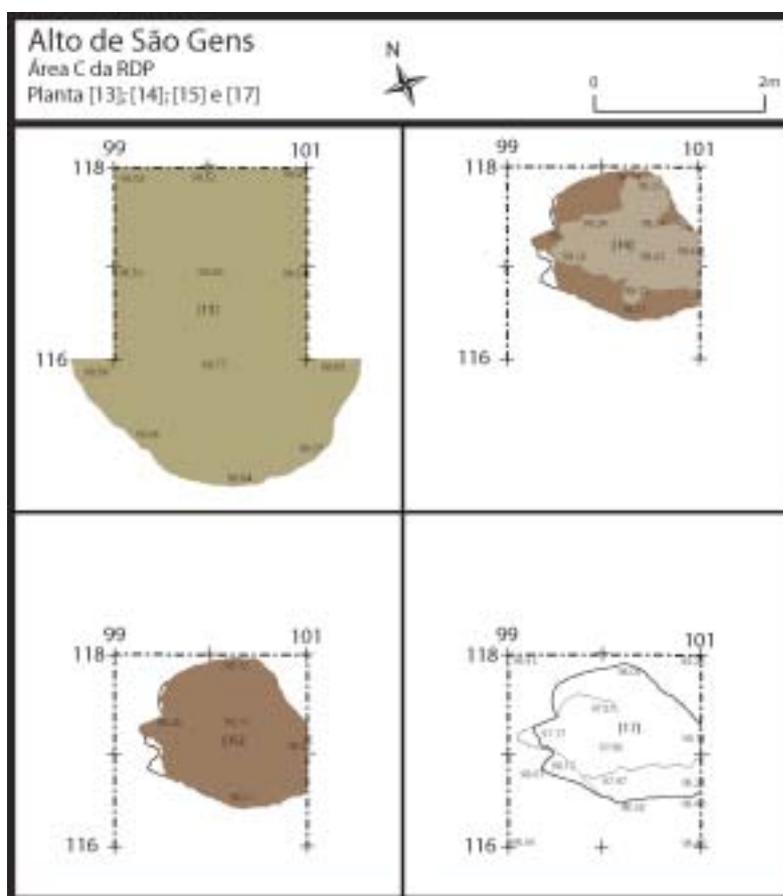


Fig. 19 Planta da Unidade [17] e daquelas que a preenchem [13], [14] e [15].

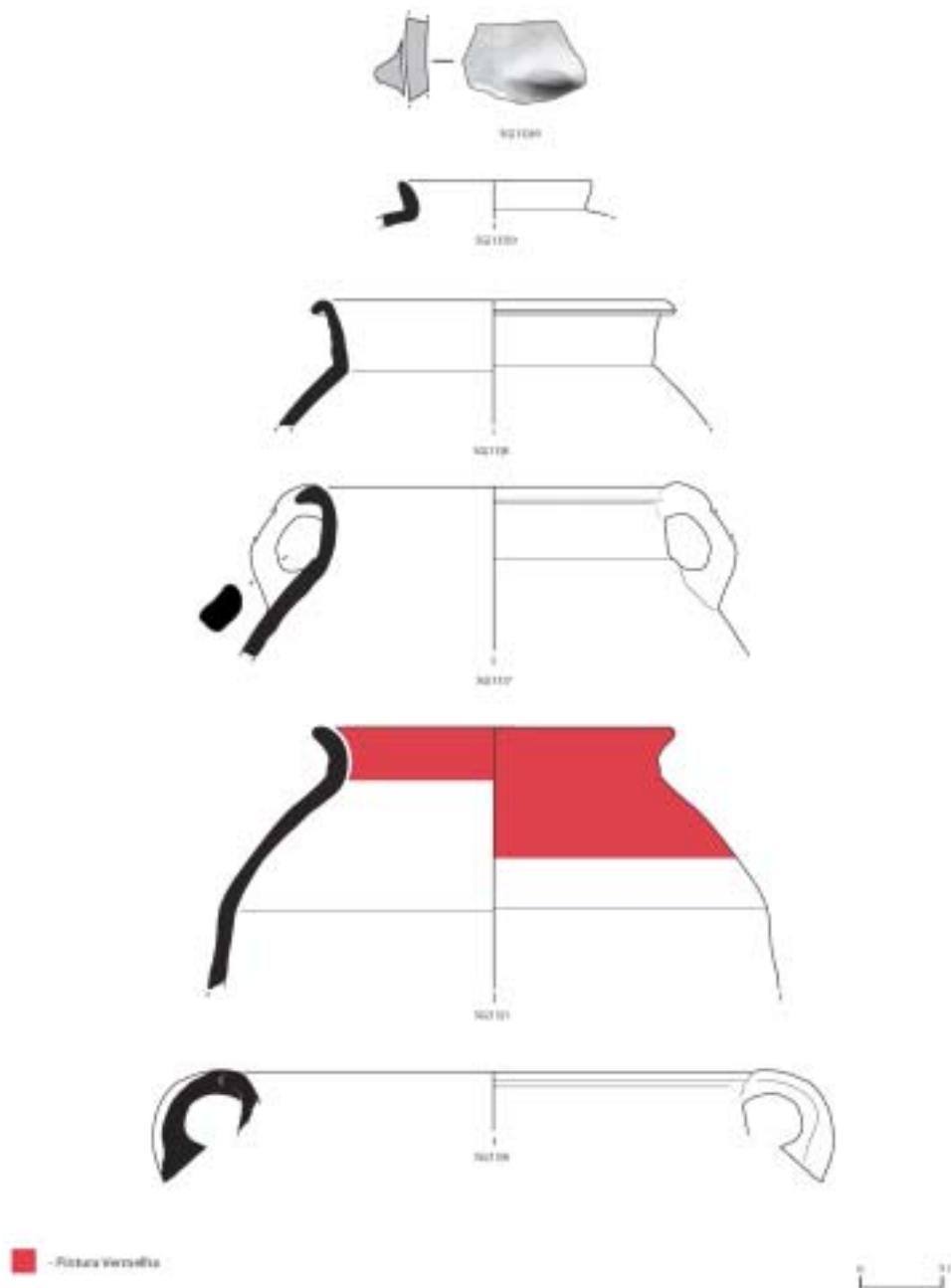


Fig. 20 Materiais da Unidade [13].

sobre a existência de ânforas do tipo R-1 aqui, pela presença de vários fragmentos de bordo de um ou dois recipientes, foi possível confirmar a presença do Tipo 10.1.2.1 de J. Ramon (1995) (v. Fig. 20, SG[13]50). A morfologia do bordo, pouco espesso e rectilíneo parece apontar para um momento antigo da produção destes contentores, se atendermos aos considerandos de Ruiz Mata e C. Pérez sobre o espessamento dos bordos ao longo da estratigrafia de D. Blanca (Ruiz Mata e Pérez, 1995, p. 58), o que foi igualmente possível verificar em Cerro del Vilar (Aubet et al., 1999, p. 90); os dados de Abul A, se atendermos à morfologia do bordo das ânforas, parecem apontar no mesmo sentido (Mayet e Silva, 2000). Por outro lado, não será de afastar totalmente a hipótese de se tratar de ânfo-

ras do Tipo 10.1.1.1 de J. Ramon (1995), onde esta morfologia de bordo parece ser mais frequente; todavia, ao lidarmos apenas com pequenos fragmentos é difícil ser peremptório sobre qualquer das hipóteses. Na Alcáçova de Santarém foram detectados alguns fragmentos de bordo passíveis de serem incluídos neste último Tipo, sendo provenientes de um estrato antigo da Idade do Ferro, datado por radiocarbono entre o século X e inícios do VIII a.C. (Arruda, 2002, p. 205); assim, não seria de todo improvável a sua presença no interior alentejano em momentos igualmente antigos. Na realidade, a ausência desta variante de bordo em Abul, que conduziu à proposta de uma cronologia da segunda metade do século VII a.C. para o entreposto (Mayet e Silva, 2000, p. 56), parece reforçar a possibilidade de o exemplar recolhido no São Gens pertencer a este último Tipo, indicando uma ocupação do local ainda na primeira metade do século VII a.C.

A nível macroscópico a pasta apresenta-se algo porosa e de fraca cozedura, com uma cor beje-acastanhada clara, com frequentes elementos não plásticos de quartzo, xisto e micas brancas, de pequeno calibre. Não sendo de fácil integração nas diversas áreas produtivas estabelecidas por J. Ramon é, contudo, possível afirmar uma certa proximidade com algumas variantes do Grupo “Málaga”, onde por vezes a calcite está ausente (Ramon, 1995, p. 257); por outro lado, é sempre possível atribuí-la ao Grupo “Extremo Occidente indeterminado” do mesmo autor. O que se pode afirmar com total clareza é a sua procedência extra-regional.

O produto transportado por estes contentores não está ainda isento de problemas, antes pelo contrário; se por um lado o vinho e o azeite são conteúdos prováveis (Guerrero Ayuso e Roldán Bernal, 1992, p. 26), e até genericamente aceites, o certo é que não existem dados consistentes (Ramon, 1995); em *Acinipo*, Ronda la Vieja, parecem ter surgido no interior de uma destas ânforas claros indícios de um conteúdo de preparados de peixe (Aguayo, 2001, p. 77), o que talvez contribua para a hipótese de transportarem uma gama diversificada de produtos, num momento onde dificilmente existiria, ao menos nos centros de consumo mais distantes, uma correspondência forma-conteúdo.

Estas ânforas, designadas “de saco”, R-1 ou da Série 10 de J. Ramon, correspondem aos primeiros contentores anfóricos fenício-ocidentais, desenvolvendo-se do século VIII a.C. até bem entrado o século VI a.C., perdurando em imitações várias até mais tarde, como nos provam as ânforas do tipo CR-I de Cancho Roano, já nos finais do século V a.C. (Guerrero Ayuso, 1991). A cronologia geralmente aceite para as ânforas do tipo R-1 situa-se entre o século VIII e meados do século VI a.C., propondo-se para o Tipo 10.1.2.1 de J. Ramon uma produção entre a 2.^a metade do século VII a.C. e a 2.^a metade do século seguinte, sendo o Tipo 10.1.1.1 imediatamente anterior, com arranque da produção ainda no século VIII a.C. (Ramon, 1995, p. 231).

Estas ânforas, na variante de bordo presente no São Gens, têm vindo a ser identificadas em diversos povoados da região estremenha, onde se associa ao início da ocupação sidérica. É o caso dos povoados de Badajoz, às portas do Alentejo Central (Enríquez et al., 1998, p. 171), Aliseda (Rodríguez Díaz e Pavón Soldevila, 1999, p. 64) e Medellín (Almagro Gorbea, 1977, p. 470 e fig. 170 – 1421).

Julgo importante referir que surgiram no São Gens vários fragmentos de bojo destas ânforas com perfurações pós-cozedura, aparentemente para reparação (“gatos”), o que parece indiciar o valor acrescentado destes recipientes, ao ponto de serem reutilizados e reparados. No Sul e Ocidente peninsular, o momento inicial de contacto das populações indígenas com as novas entidades cerâmicas oriundas do mundo colonial parece ser caracterizado pela substituição dos grandes, e pesados, contentores de armazenagem de tradição local por ânforas, tal como foi possível registar nas serranias de Ronda (Carrilero Millán, comunicação apresentada no III Colóquio do CEFYP; Martín Ruiz, 2001, p. 173). No Alentejo Central este processo parece igualmente ter tido lugar, em

particular se contrastarmos a presença de grandes contentores na Rocha do Vigio (Calado, 2003 e comunicação pessoal, materiais em estudo), com a sua ausência, ou escassez, no Alto de São Gens.

Um outro grande contentor, SG[13]1 (v. Fig. 20), recolhido de igual modo nas unidades [13] e [15], surge bem mais difícil de enquadrar nas tipologias disponíveis. Se por um lado a presença de um ombro alto e a ausência de colo remetem para o “mundo” das ânforas, já a morfologia e largura do bordo a afastam deste, aproximando-o dos grandes *pithoi* carenados (v. p. ex. Pereira, 1997, p. 243 e 250); no entanto, a ausência de asas junto ao bordo impede a sua inclusão directa neste último tipo. Possui uma banda pintada em vermelho claro entre o bordo e o ombro, contando igualmente com uma faixa pintada pelo interior do bordo, característica que, não sendo desconhecida nas ânforas, é mais frequente nos *pithoi*. A pasta surge de cor beje clara, bastante depurada, com escassos elementos não plásticos de muito pequenas dimensões, em quartzo, xisto, micas brancas e calcite; as superfícies são de cor alaranjada, estando polidas longitudinalmente nas áreas não pintadas. As asas, a tê-las, apõem-se abaixo do ombro.

O que importa reter neste caso é a chegada ao interior de recipientes de grande qualidade e dimensão que, muito provavelmente, transportariam produtos novos ou escassamente conhecidos nestas paragens, demonstrando a capacidade das populações locais adquirirem produtos originários de territórios distantes.

Todas as restantes presenças nas unidades [13] e [15] resultam, aparentemente, de uma produção local/regional, sendo em larga maioria formas produzidas a torno.

Merece destaque a presença de vários *pithoi* (v. Fig. 20), de morfologia absolutamente semelhante aos registados no litoral em sítios como Abul A (Mayet e Silva, 2000) ou Santarém (Arruda, 2002); os bordos são ligeiramente exvasados, o colo alto e recto, por vezes inclinado para o exterior, situando-se ao menos um par de asas de fita entre o bordo e o arranque do bojo. Não foram encontrados vestígios de pintura em qualquer deles.

Este tipo de recipientes, bem documentados no Alto de São Gens, perde, aparentemente, relevância nos momentos subsequentes, sendo inexistente nos sítios da Herdade da Sapatoa, situados escassos quilómetros a Sul e com uma ocupação centrada possivelmente nos finais do século VI a.C.; este mesmo processo parece documentar-se em Abul onde, no entreposto colonial, estão bem documentados por oposição à sua quase ausência em Abul B (Mayet e Silva, 2000).

Igualmente no contexto deposicional da estrutura negativa [17] surgiu um recipiente de produção manual quase completo, SG[13]48, correspondente a um pequeno vaso decorado com uma fiada de digitações no bojo, paralela ao bordo (v. Fig. 21). Esta forma, associada à característica decoração, corresponde, com clareza, à forma 1 e motivo I de Ladrón de Guevara (1994, p. 44), sendo bastante frequente nos contextos meridionais mais mediterraneizados (Ladrón de Guevara, 1994), estando inclusivamente registada nos próprios meios coloniais, como Abul, Doña Blanca ou mesmo Toscanos (Mayet e Silva, 2000, p. 60; Ruiz Mata e Pérez, 1995, p. 64; Ladrón de Guevara, 1994, p. 49).

Apesar da simplicidade morfológica e do motivo decorativo, julgo importante tecer alguns considerandos sobre a sua identificação no Alto de São Gens.

A presença de decoração digitada aplicada sobre o bojo encontra-se atestada em contextos do Final da Idade do Bronze na Beira Baixa (Vilaça, 1995, p. 281), ainda que não seja propriamente frequente; mais a Sul, em contextos crono-culturais semelhantes, a ausência de boas estratigrafias e a escassez de trabalhos impede que se afirme ou rejeite a sua presença, tendo sido identificada no conjunto de materiais proveniente das escavações dirigidas por Afonso do Paço no Castelo Giraldo (Mataloto, 1999, p. 344). Ao invés da sua escassez em estratos claramente do final da Idade do Bronze surge abundantemente nos contextos do início da Idade do Ferro de todo o sudoeste penin-

sular, podendo mesmo afirmar-se que constitui um dos tipos cerâmicos mais característicos deste momento (Ladrón de Guevara, 1994; Ruiz Mata, 1995, p. 279).

A simplicidade da decoração torna bastante complexo procurarmos definir a sua origem, que se encontra desde há bastante tempo envolta em grande controvérsia, pela carga cultural que lhe foi atribuída em determinados momentos (Ladrón de Guevara, 1994, p. 330); após uma fase inicial de filiação centro-europeia, com a inerente carga étnica que tal implica, passou-se para uma fase mais indigenista, em particular pela sua presença nos meios coloniais, onde eram tidas como indicadoras do contacto ou da presença de população indígena. Mais recentemente, a origem mediterrânea e a sua ligação à presença colonial vem sendo valorizada, reforçando-se a escassa representatividade deste motivo decorativo em momentos anteriores ao contacto colonial, especialmente contrastando com a sua profusão em momentos posteriores; assinala-se igualmente a sua aplicação em tipos morfológicos inexistentes entre as formas do final da Idade do Bronze, como acontece em Abul (Mayet e Silva, 2000, p. 64). A busca de paralelos no centro e Leste do Mediterrâneo permite verificar a sua presença nessas paragens em momentos anteriores ao I milénio a.C., conhecendo notável expansão com o advento deste (Ladrón de Guevara, 1994, p. 331); todavia, a

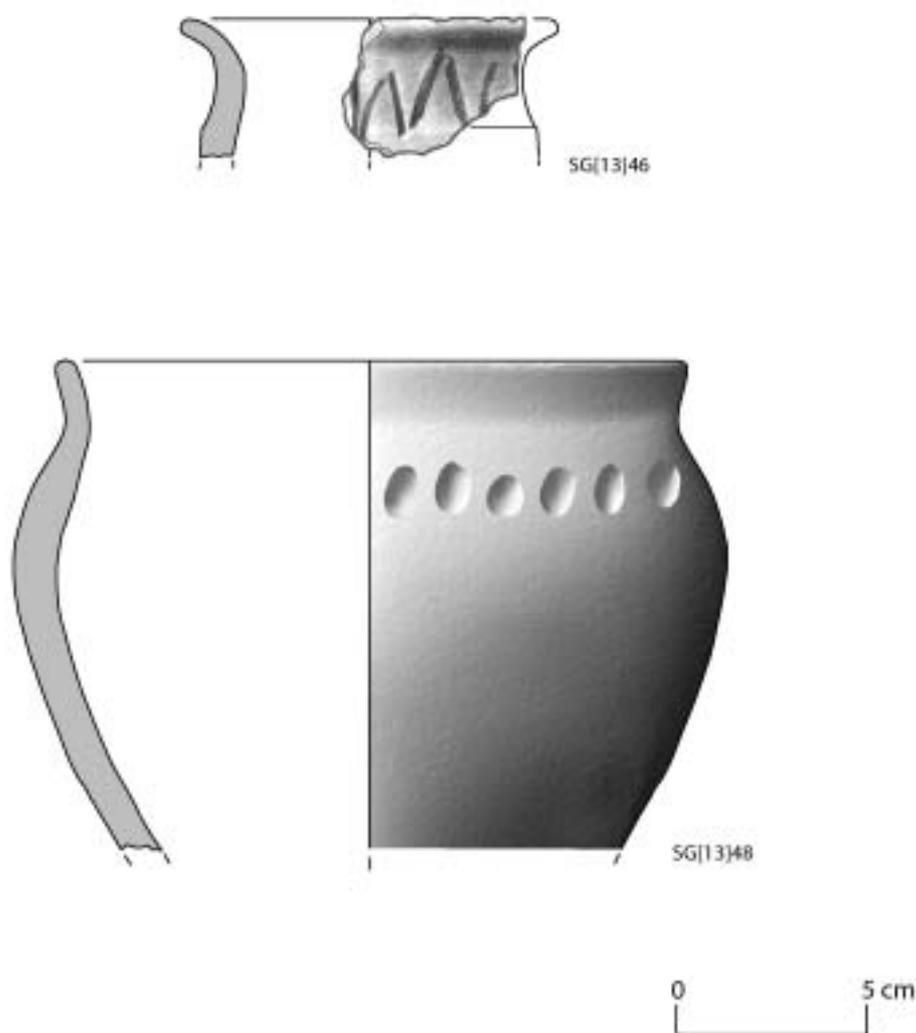


Fig. 21 Materiais da Unidade [13].

simplicidade do motivo parece retirar qualquer operacionalidade a uma identificação directa e única de pontos de origem. Assim, gostaria apenas de assinalar que, na minha perspectiva, o recipiente recolhido no Alto de São Gens deverá integrar o conjunto de formas de clara inspiração forânea, litoral ou “mediterranzante”, que se apensou ao fundo indígena originário nas tradições cerâmicas dos finais da Idade do Bronze.

Idênticos considerandos se podiam tecer relativamente ao registo SG[13]46 (v. Fig. 21), que consta de uma pequena forma fechada, produzida sem utilização do torno, com decoração incisa sobre o bordo e de linhas quebradas no bojo. Esta associação encontra-se representada em diversos contextos do início da Idade do Ferro no Sul e Ocidente peninsular (Ladrón de Guevara, 1994; Rodríguez Díaz e Pavón Soldevila, 1999; Mayet e Silva, 2000); todavia, está igualmente presente em sítios do final da Idade do Bronze na Beira Baixa (Vilaça, 1995, p. 279).

Um pequeno fragmento de bordo, SG[15]4, acompanha este último ao apresentar, também, pequenas incisões sobre o bordo (v. Fig. 22).

Este tipo decorativo é bastante frequente no final da Idade do Bronze no Centro e Norte do país, tal como foi possível verificar na bacia do Cávado (Martins, 1990, p. 126) ou na Beira Baixa (Vilaça, 1995, p. 279); no entanto, apesar da sua frequência em alguns contextos da Idade do Ferro no Alentejo Central (Mataloto, 2003), no final da Idade do Bronze é desconhecido, ou raro, a Sul do Tejo. Por outro lado, surge de modo bastante frequente no início da Idade do Ferro do litoral, como foi possível verificar em Santarém (Arruda, 2002, p. 175) ou Abul (Mayet e Silva, 2000, p. 186); na Extremadura encontra-se igualmente atestado em contextos do início da Idade do Ferro como Aliseda (Rodríguez Díaz e Pavón Soldevila, 1999, p. 61), El Risco (Enríquez Navascués, Rodríguez Díaz e Pavón Soldevila, 2001) ou Medellín (Almagro Gorbea, 1977, p. 460). Assim, não será fácil determinar se, de facto, esta característica decoração resultará de novas influências, litorais ou interiores, ou se integra a tradição do final da Idade do Bronze, ainda que os escassos indícios disponíveis pareçam apontar para a primeira das hipóteses.

Se já se mencionou a presença de contentores anfóricos de importação, gostaria agora de referir a presença de um pequeno bordo, SG[13]2, muito provavelmente de uma ânfora de produção local/regional; a ausência de colo, associada a um diâmetro bastante reduzido impõe, segundo penso, que se considere como um contentor de tipo anfórico. A sua presença demonstra que num momento precoce da Idade do Ferro, ainda em plena convivência com arraigadas tradições cerâmicas locais, se incorporou uma nova morfologia de recipientes à panóplia advinda do Bronze Final; na realidade, a já referida reutilização de ânforas de importação constituía, por si só, um claro indício desta situação.

A presença de um novo contentor, que quebra radicalmente com a tradição local, poderá indicar a produção, distribuição e consumo regional de novos produtos, nomeadamente líquidos, como o vinho ou o azeite, que já chegariam em contentores de importação. Julgo, todavia, pertinente questionar-nos sobre se a adopção dos contentores de morfologia anfórica não tornará apenas mais evidente para nós uma realidade de produção e distribuição de produtos à distância que lhe poderá ser anterior; apenas o desenvolvimento da investigação, especialmente sobre os contentores cerâmicos do final da Idade do Bronze, permitirá clarificar quais os contextos produtivos e comerciais que antecedem a chegadas das novas realidades coloniais.

A presença de cerâmica cinzenta encontra-se atestada apenas por um fragmento de bordo de uma tigela, SG[13]47 (v. Fig. 22), demonstrando a fraca penetração dos recipientes de consumo elaborados a torno nos hábitos locais. Na realidade, os recipientes de consumo individual ou mesmo os de preparação/confecção de alimentos elaborados a torno encontram-se sub-representados, quer nas unidades que temos vindo a analisar, [13] e [15], quer nas restantes, ao invés do que acontece

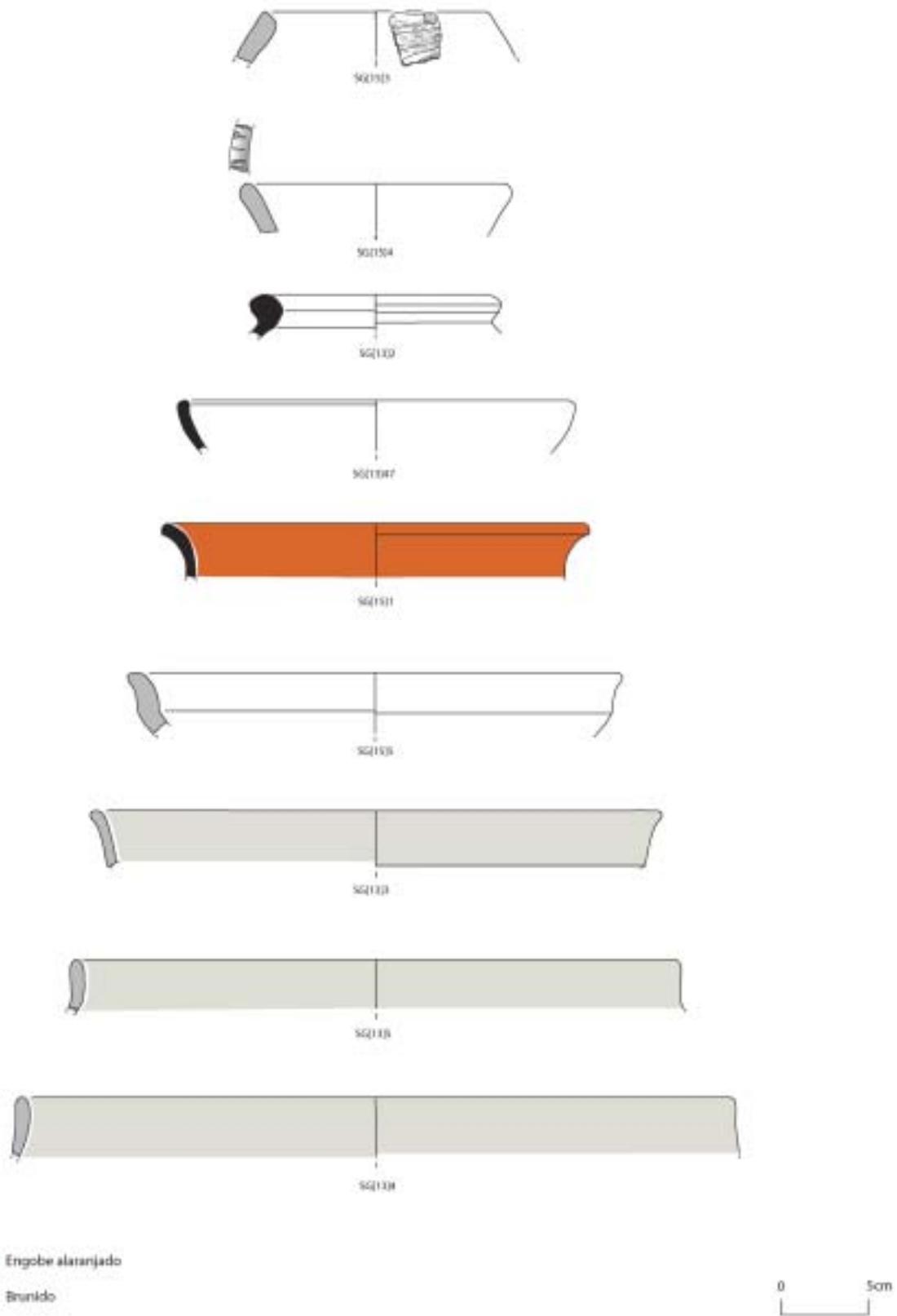


Fig. 22 Materiais das Unidades [13] e [15].

com as formas fechadas, principalmente as de grandes dimensões, como foi já referido. Assim, pode-se afirmar que a introdução de novas realidades morfológicas se faz substituindo os recipientes tecnicamente mais difíceis de executar manualmente por outros mais simples e manuseáveis. Este aspecto parece contrastar, de algum modo, com a realidade detectada na Herdade da Sapatoa na segunda metade do século VI/primeira metade do V a.C., onde os recipientes de armazenagem de média dimensão são principalmente de produção manual, ao invés dos de consumo individual, produzidos a torno. As ânforas detectadas neste último seriam, provavelmente, destinadas a conteúdos líquidos, o que não impediria a sua eventual utilização como contentor de produtos sólidos, como acontecia em Cancho Roano (Guerrero Ayuso, 1991).

Os materiais de tradição local do final da Idade do Bronze recolhidos nas unidades que preenchem a depressão [17] são, como já se afirmou, escassos e muito fragmentários, contrastando com a maioria dos já comentados. São essencialmente formas carenadas, abertas, possivelmente para consumo individual ou para preparação/confecção de alimentos; em várias situações apresentam muito bons acabamentos, de superfícies brunidas (v. Fig. 22). Registou-se ainda a presença de um pequeno fragmento de um pequeno pote com acabamento “cepillado”, raro no conjunto de materiais identificado no Alto de São Gens.

A relativa homogeneidade dos conjuntos materiais estratigrafados, apesar das especificidades assinaladas, poderá indiciar uma ocupação relativamente circunscrita no tempo, desenrolada num momento de clara transformação das realidades quotidianas.

Os poucos vestígios de estruturas habitacionais apontam para uma instalação fruste, ainda distante dos complexos arquitectónicos que são conhecidos nas instalações rurais alentejanas dos



Fig. 23 Planta da Unidade [6].

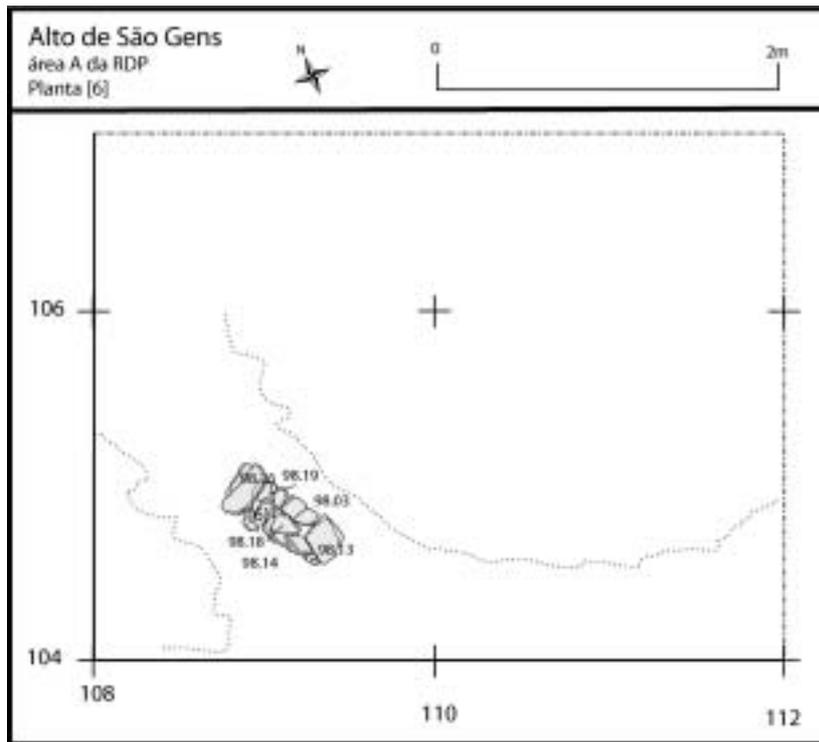


Fig. 24 Unidade [6].

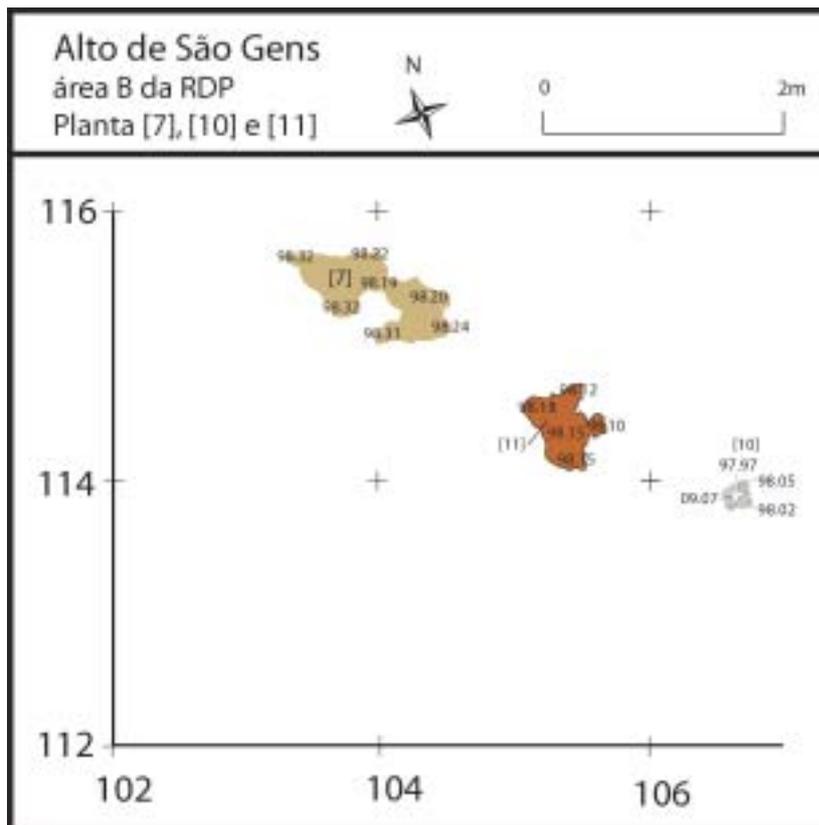


Fig. 25 Planta das Unidades [7], [10] e [11].



Fig. 26 Unidade [10].

séculos VI e V a.C. (Calado, 2002; Mataloto, 2003). Todavia, é necessário ter em linha de conta a acentuada erosão que sofreram as íngremes encostas do Alto de São Gens. Assim, resta apenas mencionar um frágil murete, [6], em pedras de xisto, de reduzida largura, encaixado entre duas linhas de afloramento (v. Fig. 23 e 24); alguns aglomerados de pedra, bastante desestruturados, caso da unidade [9], poderão estar a falar-nos da existência de outras estruturas de maior entidade eliminadas pela erosão. Foi também detectado um buraco de poste, [10], associado ao solo de lareira [11], o que aponta para existência de estruturas habitacionais elaboradas em materiais perecíveis (v. Figs. 25 e 26).

O Alto de São Gens foi então ocupado, fugazmente poder-se-ia dizer, num momento de profunda transformação das realidades regionais, acompanhando o processo de mudança desencadeado no litoral pelas comunidades coloniais. O conjunto de materiais autoriza, segundo penso, enquadrar a instalação humana na área intervencionada algures no século VII a.C., tendo eventualmente início na sua primeira metade. Este facto permite lançar novas perspectivas sobre um momento particularmente mal conhecido a nível regional. Os resultados desta intervenção abrem, assim, novas perspectivas sobre a dinâmica do povoamento na envolvente da serra d'Ossa ao longo do I milénio a.C., possibilitando e induzindo novas leituras de velhos dados.

6. Meio Mundo: o Bronze Final e a Idade do Ferro no Alentejo Central vistos do cimo da Serra d'Ossa

O Alto de São Gens integra-se numa vasta rede de instalações que parece ocupar as mais destacadas elevações das serranias centro alentejanas. A larga maioria — sítios como o Castelo ou Evo-ramonte, a escassos quilómetros, ou os mais distantes São Gens (Reguengos de Monsaraz), Serra Murada (Portel), Outeirão (Portel) e São Vicente (Viana do Alentejo), a Sul, ou São Pedro de Arraiolos, São Bartolomeu (Sousel), Pero Lobo (Vila Viçosa/Alandroal) e Coroados (Vila Viçosa), a Norte (v. Fig. 27) — é conhecida essencialmente pela ocupação atribuída ao final da Idade do Bronze (Calado, Barradas e Mataloto, 1999). Todavia, em vários deles, tal como acontecia no Alto de São Gens, escassos vestígios apontavam para uma ocupação da Idade do Ferro de difícil caracterização; de entre outros destacaria o caso de Arraiolos onde se recolheu uma fíbula de dupla mola (Fabião, 1998), tal como acontece na Coroa do Frade (Arnaud, 1979).



Fig. 27 Povoamento do final da Idade do Bronze e/ou do início da Idade do Ferro.

Esta rede de povoamento, que ocupa o topo das principais linhas de cumeada, alonga-se para a Extremadura onde se encontram os melhores paralelos para as realidades detectadas no Alto de São Gens; tal é o caso dos já mencionados Aliseda (Rodríguez Díaz e Pavón Soldevila, 1999, p. 61) e El Risco (Enríquez Navascués, Rodríguez Díaz e Pavón Soldevila, 2001), na Província de Cáceres. Outros, instalados em cerros destacados, parecem igualmente acompanhar estas ocupações, veja-se por exemplo Medellín (Almagro Gorbea, 1977) e Badajoz (Enríquez et al., 1998; Berrocal, 1994).

Se de facto o São Gens se pode englobar numa vasta rede inter-regional de povoados de cumeada, julgo importante começar por referir e comentar a sua inserção num espaço microrregional,



Fig. 28 Vista de Sul do povoado do São Gens e do Castelo.

que é a serra d'Ossa, onde se conhece através de dados de prospecção um vasto conjunto de ocupações genericamente atribuídas ao final da Idade do Bronze, e que já foram lidas como uma rede de povoamento eventualmente hierarquizada (Calado, 1993; Parreira, 1995).

Perante uma ocupação como a de São Gens, circunscrita no tempo, e um conjunto de dados principalmente de superfície, não resulta fácil ler contemporaneidades, e muito menos hierarquias.

Assim, julgo importante começar por analisar, de forma circunscrita, os dados da questão.

É com alguma certeza que se pode afirmar que o final da Idade do Bronze na serra d'Ossa é dominado pela presença de dois povoados, aparentemente fortificados, de dimensões extraordinárias, o Castelo, situado para nascente do São Gens (v. Fig. 28), e Evoramonte, localizado para Poente (Calado, Barradas e Mataloto, 1999).

O povoado do Castelo encontra-se bastante melhor caracterizado em termos crono-culturais que este último, conhecendo-se um amplo conjunto de materiais recolhido na sequência de revolvimentos causados pelo plantio de eucaliptos. A informação disponível permite assinalar uma intensa ocupação do final da Idade do Bronze, a par de outra da Idade do Ferro de difícil caracterização, mas aparentemente tardia dentro do I milénio a.C.; no entanto, os novos dados avançados pela intervenção de São Gens impõem uma reavaliação do conjunto, na medida em que alguns dos indicadores de uma ocupação antiga da Idade do Ferro se podem facilmente "diluir" nas produções típicas de momentos mais tardios.

A par destes grandes sítios instalam-se sobre as primeiras linhas de cumedeada ou em cerros destacados nas abas da serra pequenos e médios povoados, com um conjunto cerâmico do final da Idade do Bronze ou já do início da Idade do Ferro; destacam-se, entre outros menos bem caracterizados, os sítios da Fonte Ferrenha e Marouços, no lado Norte, e as Martes na aba Sul.

À luz dos novos dados, algumas incógnitas deixadas por escassos materiais a torno, por vezes com pastas extra-regionais, surgem agora mais claras, podendo indiciar uma ocupação do início da Idade do Ferro em sítios como as Martes ou nos Marouços. Outras instalações de menores dimensões, mas igualmente do final da Idade do Bronze, parecem povoar as cumeadas da serra, como acontece em sítios como a Coutada, Vale de Infante ou Defesa (Calado, Barradas e Mataloto, 1999); por outro lado, também a planície surge pontuada de pequenas instalações que se deverão

associar a este momento; todavia, encontram-se particularmente mal caracterizadas, sendo bastante difícil efectuar qualquer considerando mais específico.

No global, a escassez de informação impede que se obtenha uma visão mais concreta do modo como esta ampla malha de povoamento se estrutura no tempo, e enquanto isto não for possível julgo desnecessário avançar qualquer modelo de interacção, ficando por determinar qual o verdadeiro entrosamento das diversas estratégias de ocupação.

A aparente curta ocupação do São Gens torna ainda mais complexo perspectivar no tempo os diversos modelos de ocupação, lançando diversas questões, nomeadamente, o que conduziria à ocupação deste local no século VII a.C.? Responderá este movimento de instalação a uma tendência de povoamento gerada no seio da Idade do Bronze ou resultará das transformações desencadeadas pelas novidades coloniais? Neste aspecto, julgo que os dados da Extremadura poderão elucidar-nos um pouco melhor sobre as tendências da ocupação nos inícios da Idade do Ferro.

Não deixa de ser sintomático que em sítios com características topográficas semelhantes, como El Risco e Aliseda, não tenham sido identificados, tal como no São Gens, vestígios claros de uma ocupação do Final da Idade do Bronze, remetendo-se os momentos iniciais da instalação para os finais do século VIII a.C. ou primeira metade do seguinte (Rodríguez Díaz e Pavón Soldevila, 1999, p. 57; Enríquez Navascués, Rodríguez Díaz e Pavón Soldevila, 2001, p. 60). Outros grandes povoados, como os já referidos Badajoz e Medellín, parecem igualmente arrancar algures neste momento (Enríquez et al., 1998, p. 172; Almagro Gorbea, 1977, p. 480).

O interior do sudoeste peninsular parece ter conhecido, nos finais do século VIII a.C. ou no início do seguinte, um amplo movimento de ocupação de sítios destacados na paisagem, de grande valor estratégico, pelo controlo de espaços de transitabilidade natural, portelas e vaus; terá sido na sequência dessa tendência de instalação que surgiu o povoado de São Gens.

O enorme desconhecimento sobre o povoamento do final da Idade do Bronze, nomeadamente dos grandes povoados, onde cada intervenção se traduz em novos indícios de uma ocupação tardia (veja-se o caso da Coroa do Frade, cuja instalação parece ter acompanhado a chegada das primeiras influências coloniais), levanta enormes incógnitas aquando da tentativa de compreender em que medida o surgimento destes povoados vem romper com as redes de povoamento pré-existent. Na realidade, hoje por hoje, o final da Idade do Bronze anterior à chegada das primeiras influências coloniais é, também no interior do sudoeste peninsular, um enorme vazio, ao menos de dados devidamente estratigrafados, o que conduziu em outras paragens ao aparecimento da teoria “del Bronze que nunca existió” (Escacena Carrasco, 1995).

Este processo de transformação das malhas de povoamento e das realidades materiais deverá resultar, segundo penso, de uma evolução interna regional respondendo a uma conjuntura espaço-crono-cultural específica, longe, portanto, de qualquer acção de “orientalização” desencadeada a partir do litoral. A “litoralização” dos conjuntos materiais, visível na introdução do torno, nas novas formas cerâmicas e na presença de importações extra-regionais, será, na minha perspectiva, o mero continuar de uma inter-relação interior-litoral prévia à presença colonial na península, que se encontra totalmente documentada nas similitudes morfológicas das cerâmicas e metais do final da Idade do Bronze no Sudoeste peninsular. A escassez de indubitáveis materiais de importação, ou mesmo a paulatina e não massificada presença de novas formas cerâmicas nega, na minha perspectiva, qualquer tentativa de “ler” nestes conjuntos materiais um processo efectivo de “orientalização”; no entanto, a ausência de mais estratigrafias e novos dados, especialmente que diversifiquem os existentes, impede mais considerandos.

Ao invés dos vários exemplos citados acima (Badajoz, Medellín, Aliseda e El Risco) a ocupação do São Gens foi muito mais efémera, devendo o abandono em prol de uma intensa ocupação

rural do território alentejano (Mataloto, 2003) ter-se processado, eventualmente, nos inícios do século VI a.C., momento a partir do qual os campos passam a ocupar um lugar de destaque nas malhas de povoamento.

Esta parece ser a tónica dominante nas planícies alentejanas, dando-se o progressivo, ou talvez brusco, abandono das grandes unidades de povoamento de altura algures nos finais do século VII a.C. ou inícios/primeira metade do seguinte, momento a partir do qual a rede de pequenas instalações rurais parece adensar-se, como nos transmitem os resultados das intervenções no regolfo de Alqueva (Calado, 2002; Mataloto, 2003). Estou certo que este processo de reorganização do povoamento não implicou o desaparecimento de todos os grandes povoados, permanecendo aqueles que melhor souberam integrar-se na nova realidade social e cultural, quer pela sua posição estratégica, quer por outros factores que ainda hoje nos escapam. O caso de Badajoz, às portas do Alentejo Central, será disso o melhor exemplo, ainda que julgue possível mencionar outros como o Alto do Castelhinho da Serra (Montemor-o-Novo), onde a estratigrafia parece indicar, ainda que de modo algo titubeante, a permanência de ocupação ao longo do I milénio a.C. (Gibson, Correia e Burgess, 1998); nas imediações do Alentejo Central poder-se-ia ainda mencionar o caso de Segóvia (Gamito, 1982) ou Vaiamonte (Fabião, 1996).

Estas realidades de ocupação deverão ter convivido com outras modalidades de povoamento concentrado, que exigem uma caracterização mais concreta; sítios como o Castelão das Nogueiras (Borba) ou N.^a Sr.^a de Machede (Évora) deverão ter desempenhado um importante papel na estruturação do povoamento na sua envolvente (Mataloto, 2003). Por outro lado, o intenso povoamento rural conhecido no Alentejo Central, com unidades produtivas por vezes de grande dimensão, desempenhou um papel fulcral, quer em termos económicos, quer sociais, quer eventualmente políticos, logo no século VI a.C. e principalmente no século V a.C., subalternizando, no seu todo, o carácter “central” do povoamento concentrado.

A viragem para a segunda metade do milénio introduzirá novos factores que propiciarão uma alteração substancial do quadro conhecido até então, mas, nessa História, o São Gens apenas entrará pela presença mítica de Viriato, asseverada pela importante comunidade monástica residente nas abas da serra.

NOTAS

- ¹ **Meio Mundo**, ou Meia Serra, é o nome pelo que é conhecido o vale situado entre as duas cumeadas mais altas da Serra d'Ossa: São Gens e Castelo.

BIBLIOGRAFIA

- AGUAYO, P. (2001) - Estructuras indígenas, comércio y comerciantes en la época de la colonización fenicia en Málaga (VIII a.C.-VI a.C.). In *Comercio y comerciantes en la Historia Antigua de Málaga Siglo VIII a.C. - año 711 d.C.*. Málaga: Diputación, p. 69-97.
- ALARCÃO, J. (1996) - *Os círculos culturais da Iª Idade do Ferro no Sul de Portugal*. In VILLAR, F.; ENCARNAÇÃO, J., eds. - *La Hispania prerromana*. Salamanca: Universidad, p. 19-36
- ALARCÃO, J., ed. (s/d [1996]) - *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.* (catálogo da exposição). Lisboa: Ministério da Cultura/Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia.
- ALARCÃO, J. (1997) - Réplica a Virgílio H. Correia. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 37:3-4, p. 87-89
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1977) - *El Bronce Final y el periodo Orientalizante en Extremadura*. Madrid: Bibliotheca Praehistorica Hispana. Vol. 14.

- ALMAGRO-GORBEA, M., (1990) - El periodo orientalizante en Extremadura. *La cultura tartésica y Extremadura*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano (Cuadernos Emeritenses; 2), p. 85-125.
- ALMAGRO-GORBEA, M., (1993) - Tarteso desde sus áreas de influencia: la sociedad palacial en la Península Ibérica. In ALVAR, J.; BLÁZQUEZ, J., eds. - *Los enigmas de Tarteso*. Madrid: Cátedra, p. 139-161.
- ALMAGRO-GORBEA, M., (1996) - *Ideología y Poder en Tartessos y el mundo ibérico*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- ALMAGRO-GORBEA, M.; MARTÍN, A. M. (1994) - *Medellín 1991 La ladera Norte del Cerro del Castillo*. In ALMAGRO-GORBEA, M.; MARTÍN, A. M., eds. - *Castros y oppida en Extremadura*. Madrid: Universidad Complutense, p. 77-127.
- ALMEIDA, J. (1945) - *Roteiro dos monumentos militares portugueses*. Vol. III. Lisboa: Império.
- ARNAUD, J. M. (1979) - Corôa do Frade. Fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora - Escavações de 1971-1972. *Madrider Mitteilungen*. Mainz. 20, p. 56-100.
- ARRUDA, A. (1993a) - *O Oriente no Ocidente*. In MEDINA, J.; GONÇALVES, V. S., eds. - *História de Portugal*. Vol. II, Amadora: Ediclube, p. 17-44.
- ARRUDA, A. (1993b) - A Idade do Ferro no Centro/Sul. In MEDINA, J.; GONÇALVES, V. S., eds. - *História de Portugal*. Vol. II, Amadora: Ediclube, p. 45-68.
- ARRUDA, A. (1993c) - A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular. *Estudos Orientais*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. 4 (Os Fenícios no Território Português), p. 193-214.
- ARRUDA, A. (1996) - Particularidades, especificidades e regularidades na Idade do Ferro do Sul de Portugal: aproximação a um modelo explicativo. In VILLAR, F.; ENCARNACÃO, J., eds. - *La Hispania prerromana*. Salamanca: Universidad, p. 37-50.
- ARRUDA, A. M. (2000) - O comércio fenício no território actualmente português. In *Intercambio y comercio preclásico en el Mediterráneo*. I Coloquio del CEFYP. Madrid: Centro de Estudios Fenicios y Púnicos, p. 59-77.
- ARRUDA, A. M. (2001) - A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, p. 207-291.
- ARRUDA, A. M. (2002) - *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (século VIII-VI a.C.)*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea. 5-6. Barcelona: Publicaciones del Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra.
- ARRUDA, A. M.; GUERRA, A.; FABIÃO, C., (1995) - O Que é a IIª Idade do Ferro no Sul de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35:2, p. 237-257.
- AUBET, M.ª E. (1994) - *Tiro y las colonias fenicias de Occidente*. Barcelona: Ed. Crítica.
- AUBET, M.ª E.; CARMONA, P.; CURIÀ, E.; DELGADO, A.; FERNÁNDEZ CANTOS, A.; PÁRRAGA, M. (1999) - *Cerro del Villar I – El asentamiento fenicio en la desembocadura del río Guadalhorce y su interacción con el hinterland*. S/I: Junta da Andalucía.
- BARKER, P. (1982) - *Techniques of Archaeological Excavation*. London: Batsford. 2.ª ed.
- BARROS, L.; CARDOSO, J. L.; SABROSA, A. (1993) - Fenícios na margem Sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado de Almaraz – Almada. *Estudos Orientais*. Lisboa: Universidade Nova. 4 (Os Fenícios no Território Português), p. 143-181.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1992) - *Los pueblos célticos del suroeste de la Península Ibérica*. Madrid: Universidad Complutense. Complutum-Extra, 2.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1994a) - El Oppidum de Badajoz. Ocupaciones prehistoricas en la Alcazaba. In ALMAGRO-GORBEA, M.; MARTÍN, A.M., eds. - *Castros y Oppida en Extremadura*. Madrid: Universidad Complutense. Complutum Extra, 4, p. 147-187.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1994b) - Oppida y castros de la Beturia céltica. In ALMAGRO GORBEA, M.; MARTÍN, A.M., eds. - *Castros y oppida en Extremadura*. Madrid: Universidad Complutense. Complutum Extra, 4 p. 189-241.
- CALADO, M. (1991) - *O povoado da II Idade do Ferro do Castelão de Rio de Moinhos*. Campanha 1-Relatório de escavação. Policopiado (texto gentilmente cedido pelo autor).
- CALADO, M. (1993a) - *A Idade do Bronze*. In MEDINA, J.; GONÇALVES, V. S., eds. - *História de Portugal*. Ediclube: Amadora, Vol. I, p. 327-353.
- CALADO, M. (1993b) - *Carta arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal.
- CALADO, M.; MATALOTO, R. (2001) - *Carta arqueológica do Redondo*. Redondo: Câmara Municipal.
- CALADO, M. (2002) - Povoamento pré e proto-histórico da margem direita do Guadiana. *Al-madan*. Almada. IIª série. 11, p. 122-127.
- CALADO, M.; ROCHA, L., (1997) - Povoamento da Idade do Ferro no Alentejo Central. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*. Vila Viçosa. 1, p. 99-130.
- CALADO, M.; ROCHA, L., (1996-97) - Povoamento do Bronze Final no Alentejo Central. *A Cidade de Évora*. Évora. II Série. 2-3, p. 35-54.
- CALADO, M.; BARRADAS, M.; MATALOTO, R. (1999) - Povoamento proto-histórico no Alentejo Central. *Revista de Guimarães* – volume especial - Actas do Congresso de Proto-História Europeia. Guimarães. Vol. I, p. 363-386.
- CALADO, M.; DEUS, M.; MATALOTO, R. (2000) - O sítio dos Soeiros (Arraiolos): uma abordagem preliminar. *Revista de Guimarães* – volume especial - Actas do Congresso de Proto-História Europeia – Centenário da morte de Martins Sarmiento. Guimarães. Vol. II, p. 759-774.
- CARDOSO, J. L. (1990) - A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região Ribeirinha do estuário do Tejo. *Estudos Orientais*. Lisboa: Universidade Nova. I (Presenças Orientalizantes em Portugal da Pré-História ao Período Romano), p. 119-134.
- CARDOSO, J. L. (1995) - O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um Ensaio. *Conimbriga*. Coimbra. 34, p. 33-74.

- CARDOSO, J. L. (1995) - O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda. In *A Idade do Bronze em Portugal: discursos de poder*. Lisboa: IPM/Museu Nacional de Arqueologia, p. 48.
- CARRILERO MILLÁN, M. (1992) - El proceso de transformación de las sociedades indígenas de la periferia tartésica. In *La colonización fenicia en el Sur de la Península Ibérica. 100 años de investigación*. Almería: Instituto de Estudios Almerienses, p. 117-142.
- CARRILERO MILLÁN, M. (1993) - Discusión sobre la formación social tartésica. In ALVAR, J.; BLÁZQUEZ, J., eds. - *Los enigmas de Tarteso*. Madrid: Cátedra, p. 163-185.
- CELESTINO PÉREZ, S. (1995) - El Periodo Orientalizante en Extremadura. *Extremadura Arqueológica*. Mérida-Cáceres. IV, p. 67-89.
- CORREIA, V. H. (1988) - Um punhal do Bronze Final, de Arraiolos. *Arqueologia*. Porto. 17, p. 201-203.
- CORREIA, V. H. (1990) - A expansão orientalizante na fachada atlântica peninsular: dados conhecidos e perspectivas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 30:1 (Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira), p. 177-193.
- CORREIA, V. H. (1995) - A transição entre o período Orientalizante e a Idade do Ferro na Betúria Ocidental (Portugal). In *Celtas y Turdulos: La Beturia*. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano (Cuadernos Emeritenses; 9), p. 127-149.
- CORREIA, V. H. (1995a) - The Iron Age in South and Central Portugal and the Emergence of Urban Centres. In *Social Complexity and the Development of Towns in Iberia From the Copper Age to the Second Century AD. Proceedings of the British Academy*. 86, p. 237-262.
- CORREIA, V. H. (1997) - Um modelo historiográfico para a Idade do Ferro do Sul de Portugal e a sua Arqueologia. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 37:3-4, p. 41-85.
- CORREIA, V. H. (1999) - Fernão Vaz (Ourique, Beja). Balanço da investigação arqueológica. *Vipasca*. Aljustrel. 8, p. 23-31.
- DELGADO HERVÁS, A.; FERNÁNDEZ CANTOS, A. (2000) - Las transformaciones del século VI a.n.e. en Andalucía: una visión desde las relaciones entre fenicios e indígenas. In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios de Fenicios y Púnicos*. Cádiz: Universidad. Vol. IV, p. 1781-1787.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J. J. (1990) - Sobre algunos poblados del Bronce Final de la provincia de Badajoz. *Norba*. Cáceres. 10, p. 41-57.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J. J.; DOMÍNGUEZ DE LA CONCHA, C. (1984) - Yacimientos pre y protohistóricos de Badajoz y sus alrededores. *Revista de Estudios Extremeños*. Badajoz. 40:3, p. 565-587.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.; RODRÍGUEZ DÍAZ, A. (1988) - Campaña de urgencia en la Sierra de la Martela (Segura de León, Badajoz). *Extremadura Arqueológica*. Mérida: Junta da Extremadura. I, p. 113-128.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.; RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; PAVÓN SOLDEVILA, I. (2001) - El Risco. Excavación de urgencia en Sierra de Fuentes. (Cáceres) - 1991-1993. Memorias de Arqueología Extremeña. Mérida: Junta de Extremadura. 4.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.; VALDÉS, F.; PAVÓN, I.; RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; LÓPEZ DEL ÁLAMO, P. (1998) - La estratigrafía del "Sector de Puerta de Carros-2 (SPC-2) de Badajoz y el contexto poblacional del "Valle Médio del Guadiana" en la Edad del Hierro. In RODRÍGUEZ DÍAZ, A., ed. - *Extremadura Protohistórica: Paleoambiente, economía y poblamiento*. Cáceres: Universidad de Extremadura, p. 157-199.
- ESCACENA CARRASCO, J. (1995) - La etapa precolonial de Tartessos. Reflexiones sobre el "Bronce" que nunca existió. In *Tartessos. 25 Años Después 1968 - 1993*. Jerez de la Frontera: Ayuntamiento, p. 179-214.
- FABIÃO, C. (1992) - *O Passado proto-histórico e romano*. In MATTOSO, J., ed. - 1992 *História de Portugal: antes de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores. Vol. I, p. 76-299.
- FABIÃO, C. (1996) - O povoado fortificado da Cabeça de Vaíamonte (Monforte). *A Cidade*. Portalegre. Nova Série. 11, p. 31-80.
- FABIÃO, C. (1998) - *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território português*. Dissertação de doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 3 volumes. Edição policopiada.
- FABIÃO, C. (2001a) - O povoamento do sudoeste peninsular na segunda metade do 1º milénio a.C.: continuidades e rupturas. In BERROCAL-RANGEL, L.; GARDES, P., eds. - *Entre Celtas e Íberos. Las poblaciones protohistóricas de las Galias e Hispania*. Madrid: Real Academia de la Historia/Casa de Velázquez, p. 226-246.
- FERNÁNDEZ JURADO, J. (1987) - Tejada la Vieja. Una ciudad protohistórica. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 10.
- FERNÁNDEZ JURADO, J. (1988-89) - Tartessos y Huelva. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 11.
- GAMITO, T.J. (1982) - A Idade do Ferro no Sul de Portugal. Problemas e perspectivas. *Arqueologia*. Porto. 6, p. 65-78.
- GAMITO, T.J. (1988) - *Social Complexity in South West Iberia, 800-300 BC. The Case of Tartessos*. Oxford (B.A.R.-I.S., 439).
- GIBSON, C.; CORREIA, V.; BURGESS, C. (1998) - Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Évora, Portugal). A Preliminary Report on the Excavations at the Late Bronze Age to Medieval Site, 1990-1993. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 0, p. 189-244.
- GOMES, M. V. (s/d [1992]) - Proto-História do Sul de Portugal. In SILVA, A. C. F.; GOMES, M. V. - *Proto-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 101-185 e 240-275.
- GÓMEZ TOSCANO, F. (1997) - *El final de la Edad del Bronce entre el Guadiana y el Guadalquivir*. Huelva: Universidad.
- GUERRERO AYUSO, V. M. (1991) - El Palacio-Santuario de Cancho Roano (Badajoz) y la comercialización de ánforas indígenas. *Rivista di Studi Fenici*. Roma. 19:1, p. 49-82.

- GUERRERO AYUSO, V.; ROLDÁN BERNAL, B. (1992) - *Catálogo de las ánforas prerromanas*. Cartagena: Museo de Arqueología Marítima/Ministerio de Cultura.
- HARRIS, E. C. (1979) - *Principios de estratigrafía arqueológica*. Barcelona: Editorial Crítica.
- HENRIQUE DE SANTO ANTÓNIO, Frei (1745) - *Crónica dos eremitas da serra d'Ossa*. Lisboa: Oficina de Francisco da Silva.
- LÓPEZ CASTRO, J. L. (1992) - La colonización fenicia en la Península Ibérica: 100 años de investigación. In *La colonización fenicia en el Sur de la Península Ibérica. 100 años de investigación*. Almería: Instituto de Estudios Almerienses, p. 11-79.
- LÓPEZ CASTRO, J. L. (1994) - *Hispania Poena. Los fenicios en la Hispania romana*. Barcelona: Editorial Crítica.
- LÓPEZ DOMECH, R. (2000) - Los fenicios en el interior. In *Intercambio y comercio Preclásico en el Mediterráneo. I Coloquio del CEFYP*. Madrid: Centro de Estudios Fenicios y Púnicos, p. 189-196.
- MARTÍN BRAVO, A. (1999) - *Los orígenes de Lusitania: el I milenio a.C. en la Alta Extremadura* (Biblioteca Archaeologica Hispana; 2). Madrid: Real Academia de la Historia.
- MARTÍN RUIZ, J. (2001) Problemas metodológicos en el estudio de las relaciones de intercambio en la Protohistoria andaluza. La distribución de cerámica: un ejemplo en la cerámica protohistórica en *Acinipo*. In *Comercio y comerciantes en la Historia Antigua de Málaga (siglo VIII a.C. - año 711 d.C.)*. Málaga: Diputación, p. 69-97.
- MATALOTO, R. (1999) - As ocupações proto-históricas do Castelo do Giraldo (Évora). *Revista de Guimarães*. Volume Especial - Actas do Congresso de Proto-história Europeia no centenário da Morte de Martins Sarmiento. Vol. I, p. 333-362.
- MATALOTO, R. (2003) - *Um monte da Idade do Ferro na herdade da Sapatoa. Ruralidade e povoamento no 1º milénio a.C. do Alentejo Central*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa. Policopiado.
- MATALOTO, R. (no prelo) - *Em busca do Mediterrâneo: a Idade do Ferro no Alentejo Central (Portugal)*. Texto entregue para publicação nas Actas do Congresso de Protohistoria del Mediterráneo Occidental. Mérida, Maio de 2003.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. (2000) - *Le site phénicien d'Abul (Portugal). Comptoir et sanctuaire*. Paris: De Boccard.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. (2001) - O santuário de Abul B – uma presença púnica no Baixo Sado?. In *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do colóquio internacional* (Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000). Lisboa: Universidade Aberta, p. 173-195.
- PARREIRA, R. (1971-74) - O povoado da Idade do Bronze do Outeiro do Circo (Beringel, Beja). *Arquivo de Beja*. Beja. 28-32, p. 1-16.
- PARREIRA, R.; SOARES, A. M. (1980) - Zu Einigen Bronzezeitlichen Höhensiedlungen in SüdPortugal. *Madrider Mitteilungen*. Mainz. 21, p. 109-130.
- PARREIRA, R. (1995) - Aspectos da Idade do Bronze no Alentejo Interior. In *A Idade do Bronze em Portugal - discursos de poder*. Lisboa: IPM/Museu Nacional de Arqueologia, p. 131-134.
- PÁVON SOLDEVILA, I. (1998) - *El tránsito del II milenio al I milenio a.C. en las cuencas medias de los Ríos Tajo y Guadiana: la Edad del Bronce*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- PÁVON SOLDEVILA, I. (1999) - Los albores de la Protohistoria en la "mesopotamia" extremeña: notas para la discusión de un modelo. *Estudios Pre-Históricos*. Viseu. 7, p. 179-212.
- PELLICER, M. (2000) - El proceso orientalizante en el Occidente ibérico. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 16, p. 89-134.
- PEREZ MACÍAS, J.A. (1991) - *Castañuelo, los orígenes de la Baeturia Cética*. Huelva: Museo de Huelva / Delegación de Cultura y Medio Ambiente / Junta de Andalucía (Cuaderno Temático, 1).
- PÉREZ MACÍAS, J. (1996) - La transición a la Edad del Hierro en el suroeste peninsular. El problema de los Celtici. *Spal*. Sevilla. 5, p. 101-114.
- RAMON TORRES, J. (1995) - *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central y occidental*. Barcelona: Universitat.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. (1994a) - Algunas reflexiones sobre el fin de Tartessos en la cuenca media del Guadiana: la Crisis del Cuatrocientos y el Desarrollo de la Beturia. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. Madrid. 21, p. 9-34.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. (1994b) - El valle medio del Guadiana, "Espacio de Frontera" en la Protohistoria del Suroeste (I). *Saguntum*. Valencia. 27, p. 107-124.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. (1995a) - El valle medio del Guadiana, "Espacio de Frontera" en la Protohistoria del Suroeste (II). *Saguntum*. Valencia. 28, p. 111-130.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. (1995b) - Extremadura prerromana. *Extremadura Arqueológica*. Mérida-Cáceres. 4, p. 91-121.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; ENRIQUEZ NAVASCUÉS, J. J. (2001) - *Extremadura tartésica: arqueología de un proceso periférico*. Barcelona: Bellaterra.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; ORTIZ ROMERO, P. (1998) - La Mata de Campanario (Badajoz): un nuevo ejemplo de "Arquitectura de Prestigio" en la Cuenca Media del Guadiana. In RODRÍGUEZ DÍAZ, A., ed. - *Extremadura protohistórica: paleoambiente, economía y poblamiento*. Cáceres: Universidad de Extremadura, p. 201-246.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; PAVÓN, I. (1999) - *El poblado protohistórico de Aliseda. Campaña de 1995*. Cáceres: Ayuntamiento de Aliseda.
- RUIZ MATA, D. (1993) - Los fenicios de época arcaica – siglos VIII/VII a.C. – en la bahía de Cádiz: estado de la cuestión. *Estudios Orientais*. Lisboa: Universidade Nova. 4 "Os Fenícios no território português", p. 23-72.

- RUIZ MATA, D. (1995) - Las cerámicas del Bronce Final. Un soporte tipológico para delimitar el tiempo y el espacio tartésico. In *Tartessos. 25 Años después 1968 – 1993*. Jerez de la Frontera: Ayuntamiento, p. 265-313.
- RUIZ MATA, D.; PÉREZ, C. (1995) - *El poblado fenicio del Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa María, Cádiz)*. Puerto de Santa María: Ayuntamiento.
- SILVA, A.C.F.; GOMES, M.V. (1992) - *Proto-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- SILVA, C.; SOARES, J. (1978) - Uma jazida do Bronze Final na Cerradinha (Lagoa de Santo André, Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4, p. 71-115.
- SILVA, C. T.; SOARES, J.; BEIRÃO, C. M.; DIAS, L. F.; COELHO-SOARES, A. (1980-1981) - Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 149-218.
- VALLEJO SÁNCHEZ, J. (1998) - *Sobre el origen y extensión de la cerámica gris y las producciones occidentales*. Cádiz: Universidad. Policopiado.
- VILAÇA, R. (1995) - *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*. Lisboa: IPPAR (Trabalhos de Arqueologia; 9).
- VILAÇA, R.; BASÍLIO, L. (2000) - Contributo para a caracterização arqueológica da I Idade do Ferro da Beira Interior: cerâmicas a torno da Cachouça. *Al-madan*. Almada. II.ª série. 9, p. 39-47.

